



**Campus Universitário de Almada**  
**Escola Superior de Educação Jean Piaget**

Ana Luísa Forjaz Sousa Seguro

**Os contributos do espaço exterior nas aprendizagens significativas da Educação Pré-escolar**

**Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada**

Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico

Orientador/a: Doutora Ana Cristina Cruz Gonçalves

Almada, 2023



**Campus Universitário de Almada**  
**Escola Superior de Educação Jean Piaget**

Ana Luísa Forjaz Sousa Seguro

**Os contributos do espaço exterior nas aprendizagens da Educação Pré-Escolar**

**Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada**

Apresentado com vista à obtenção do grau Mestre em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico (2º ciclo de estudos), ao abrigo do Despacho n.º 9557/2015 (Diário da República, 2.ª série – n.º 163 – 21 de agosto de 2015).

Orientador/a: Doutora Ana Cristina Cruz Gonçalves

Almada, 2023

## **Agradecimentos**

Aos docentes por toda a orientação e por todas as aprendizagens. Agradeço pela disponibilidade, pelas sugestões e comentários que sempre me fizeram para crescer enquanto futura profissional na área.

À professora Cristina Gonçalves, por me orientar e acompanhar neste percurso desafiante, com quem aprendi tanto. Agradeço pela sua disponibilidade e entendimento.

Agradeço à minha família por todo o apoio, compreensão e carinho que me demonstraram ao longo de todo este percurso.

Um especial agradecimento à minha avó que me deu a oportunidade de prosseguir os meus sonhos, por acreditar em mim e por ser a minha força nos dias mais desafiantes, pelo colo, pelas vezes que me limpou as lágrimas. Espero que com este feito tenha dado um grande orgulho à pessoa que mais amo e aquela que me tornou na pessoa que sou hoje. Sem ela nada seria possível e as minhas conquistas não seriam significativas.

Ao meu namorado e futuro marido, por nunca me ter deixado desistir e por ser o melhor companheiro de vida. Pois, no carro, na mota ou no coração o pendura é sempre o mesmo.

Aos meus amigos que são a família que eu escolhi para me acompanharem nestes feitos da vida. Ainda nos amigos quero deixar um agradecimento especial as minha amigas Anas pelas conversas, por todos os abraços de esperança e força. À Fernanda por ser uma força sobrenatural, que com a sua experiência de vida demonstrou-me que nada é impossível, nem o céu é o limite.

Às cooperantes e amigas Marisa e Arminda. A Marisa pela amizade e compreensão. A Arminda por me demonstrar que o amor é a essência desta profissão que escolhi abraçar e que podemos sempre investir em nós e na nossa missão.

As minhas estrelinhas, avó e tia, agradeço-vos por terem acompanhado neste percurso, e apesar de não terem visto o fim, que onde quer que estejam sintam um grande orgulho na menina/mulher que me tornei.

Por fim, às crianças que me demonstram todos os dias que são o melhor do mundo e que me desafiam a ser uma melhor pessoa e uma melhor profissional.

## **Resumo**

O presente relatório final tem como objetivo principal analisar os contributos do espaço exterior nas aprendizagens na educação pré-escolar. O documento divide-se em dois capítulos. O primeiro capítulo, intitulado como prática profissional em contextos de pré-escolar e primeiro ciclo do ensino básica, reflete e caracteriza as práticas supervisionadas ao longo do mestrado de Educação Pré-escolar e Ensino do Primeiro Ciclo do Ensino Básico.

No segundo capítulo, designado como estudo empírico, apresenta-se o enquadramento teórico, o objeto de estudo, métodos e procedimentos e por último a apresentação e análise dos dados. A presente investigação surge com a necessidade de ampliar os estudos que existem sobre os contributos e potencialidades inerentes à utilização do espaço exterior como elemento potenciador das aprendizagens em Educação Pré-escolar.

Mediante o exposto foi necessário recolher informações, para dar resposta às questões de investigação, bem como aos objetivos desta. Os dados foram recolhidos através de observações e de entrevistas. As entrevistas foram realizadas a educadores de escolas com metodologias focadas no espaço exterior, junto da natureza, e a um especialista formado no tema. Através da análise dos resultados do presente estudo, é possível concluir que o espaço exterior é um cenário pedagógico que contribui de forma fundamental no processo de aprendizagem e no desenvolvimento integral das crianças.

## **Abstract**

This final report has the main purpose of analysing the contributions of outdoor spaces in the learning process regarding preschool education. This document is divided into two chapters. The first chapter entitled Professional Practice in pre-school and first cycle of basic education contexts, characterizes, and reflects supervised practices during the master's degree in Pre-school Education and Teaching in the First cycle of Basic Education. The second chapter, considered an empirical study, presents the theoretical framework, along with, the object of the study, methods, procedures, and finally data analysis and its presentation. This investigation comes from the need to expand knowledge related to the existing studies on the contributions and potentialities of outdoor spaces in preschool learning. Considering what was previously exposed, it was necessary to gather information to answer the research questions, as well as its objectives. Data was gathered through observations and interviews. Educators from schools, with methodologies focused on outer space, close to nature, and a specialist who graduated in this area of studies were interviewed. Through the analysis of the results of this study, it is possible to conclude that outdoor space is a pedagogical setting that contributes essentially to the learning process and the integral development of children.

## **Abreviaturas**

1º CEB – 1º Ciclo do Ensino Básico

OCEPE – Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar

CAF – Componente de Apoio à Família

EPE – Educação Pré-Escolar

# Índice Geral

Agradecimentos .....	i
Resumo .....	ii
Abstract .....	iii
Abreviaturas .....	iv
Índice Geral .....	v
Índice de Figuras.....	vii
Índice de Tabelas.....	viii
Introdução.....	1
PARTE I. Prática Profissional em Contexto de Educação Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico .....	3
1.1. Contextualização da Prática Profissional .....	3
1.2. Caracterização da Entidade cooperante A.....	5
1.2.1. Caracterização do Agrupamento.....	5
1.2.2. Caracterização da Escola.....	6
1.2.3. Caracterização da sala.....	7
1.2.4. Caracterização do espaço exterior .....	8
1.2.5. Caracterização do grupo.....	10
1.3. Caracterização da Entidade cooperante B.....	12
1.3.1. Caracterização do Agrupamento.....	12
1.3.2. Caracterização da Escola.....	12
1.3.3. Caracterização da sala.....	13
1.3.4. Caracterização do grupo.....	14
1.4. Desenvolvimento da prática profissional e problematização da questão de partida/ do tema a partir da prática.....	15
PARTE II. Estudo Empírico .....	17
2.1. Enquadramento Teórico / Definição de Conceitos .....	17
2.1.1. A Educação Pré-escolar .....	17
2.1.2. O espaço exterior no jardim da infância e a sua utilização .....	19
2.1.3. Legislação do espaço exterior no jardim de infância.....	21
2.1.4. Brincar no espaço exterior .....	22
2.1.5. Para práticas pedagógicas recorrendo ao exterior: o papel do educador. .	24
2.1.6. A importância do espaço exterior como elemento nuclear no desenvolvimento curricular .....	26
2.2. Objeto de Estudo.....	28
2.3. Metodologia.....	28
2.4. Técnicas e Instrumentos de Recolha de Dados .....	30

2.5. Apresentação, Análise e Discussão de Resultados .....	35
2.5.1. Apresentação e análise dos resultados: Entrevistas às educadoras.....	35
2.5.2. Apresentação e análise de dados sobre: Entrevista ao especialista .....	45
2.5.3. Apresentação e análise de dados sobre: observação e notas de campo ....	46
2.5.4. Discussão dos resultados.....	50
Considerações Finais.....	53
Bibliografia.....	55
Apêndices .....	58
Apêndice 1 .....	58
Apêndice 2 .....	65
Anexos.....	68
Anexo 1.....	68
Anexo 2.....	69

## Índice de Figuras

<b>Figura 1:</b> Grupo A em reunião de concelho. ....	7
<b>Figura 2:</b> Área central. ....	8
<b>Figura 3:</b> Casinha de Lama. ....	9
<b>Figura 4:</b> Sala de aula.....	13

## Índice de Tabelas

<b>Tabela 1:</b> Rotina diária deste grupo.....	10
<b>Tabela 2:</b> Guião da Entrevista às Educadoras.....	33
<b>Tabela 3</b> Guião Entrevista ao Especialista.....	34
<b>Tabela 10:</b> Análise à Pergunta 1.....	35
<b>Tabela 11:</b> Categorias e Subcategorias da Pergunta 1.....	36
<b>Tabela 12:</b> Análise à Pergunta 2.....	37
<b>Tabela 13:</b> Categoria e Subcategoria da Pergunta 2.....	37
<b>Tabela 14:</b> Análise à Pergunta 3.....	38
<b>Tabela 15:</b> Categoria e Subcategorias da Pergunta 3.....	38
<b>Tabela 16:</b> Análise à Pergunta 4.....	39
<b>Tabela 17:</b> Categorias e Subcategorias da Pergunta 4.....	40
<b>Tabela 18:</b> Análise à Pergunta 5.....	40
<b>Tabela 19:</b> Categorias e Subcategorias da Pergunta 5.....	41
<b>Tabela 20:</b> Análise à Pergunta 6.....	41
<b>Tabela 21:</b> Categorias e Subcategorias da Pergunta 6.....	42
<b>Tabela 22:</b> Análise à Pergunta 7.....	43
<b>Tabela 23:</b> Categoria e Subcategorias da Pergunta 7.....	43
<b>Tabela 24:</b> Análise à Pergunta 8.....	44
<b>Tabela 25:</b> Categoria e Subcategorias da Pergunta 8.....	45
<b>Tabela 9:</b> Observações e Notas de Campo.....	46
<b>Tabela 4:</b> Entrevista Participante 1.....	58
<b>Tabela 5:</b> Entrevista ao Participante 2.....	59
<b>Tabela 6:</b> Entrevista ao Participante 3.....	61
<b>Tabela 7:</b> Entrevista ao Participante 4.....	62
<b>Tabela 8:</b> Entrevista ao Participante 5.....	64

## **Introdução**

O presente relatório surge no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do Primeiro Ciclo, realizado no Instituto Piaget de Almada. Este estudo tem como finalidade expor as aprendizagens realizadas ao longo da unidade curricular de Prática Pedagógica Supervisionada. A prática pedagógica ocorreu em contexto da educação pré-escolar e do ensino básico. O relatório está organizado em duas partes distintas: o capítulo I diz respeito à Prática Profissional em contexto da Educação Pré-Escolar e Primeiro Ciclo e o capítulo II ao Estudo Empírico.

A dimensão da reflexão e caracterização da prática profissional em contexto de pré-escolar e primeiro ciclo baseia-se na contextualização, caracterização e reflexão das práticas vividas ao longo do mestrado. Este capítulo aborda essencialmente as observações, reflexões e planificações que ocorreram nos estágios. Estas vivências/experiências impulsionaram o tema deste estudo, ou seja, os contributos do espaço exterior nas aprendizagens significativas na educação pré-escolar. Segundo Silva et al., 2016, “a educação pré-escolar proporciona um ambiente estimulante e promova aprendizagens significativas e diversificadas, que contribuam para uma maior igualdade de oportunidades.”

Ainda sobre o primeiro capítulo, este trata toda a prática profissional, as vivências nos contextos de estágio, as reflexões e ambições como futura profissional de educação. Para a elaboração deste documento analisou-se profundamente as orientações curriculares, as aprendizagens essenciais do 1.º ciclo, modelos pedagógicos, metodologias, métodos e situações de aprendizagem e inúmeros temas e livros sobre educação.

Na segunda parte diz respeito à dimensão investigativa, onde se encontra o enquadramento teórico. Esta fundamentação abarca os seguintes tópicos: a Educação Pré-escolar, o espaço exterior no jardim de infância e a sua utilização, legislação no espaço exterior, brincar no espaço exterior, práticas pedagógicas recorrendo ao exterior: papel do educador e a importância do espaço exterior como elemento nuclear no desenvolvimento curricular. O tema deste relatório final releva o brincar e o aprender no espaço exterior, pois é um tema com pouco reconhecimento e desvalorizado por muitos profissionais. Citando Dias, Bento & Bilton (2017) “estes contextos exercessem uma grande influência na qualidade das experiências de aprendizagens, mediante o tipo de apoio e estímulos fornecidos” (p.160). Aprofundar este tema contribui para

aperfeiçoar as oportunidades de aprendizagem, refletindo sobre as possíveis mudanças de práticas, demonstrando o potencial dos espaços exteriores.

Ainda neste capítulo, refletiu-se sobre o objeto de estudo, os objetivos da investigação, a metodologia utilizada de forma justificada e fundamentada. Por último, apresentou-se e analisou-se entrevistas semiestruturadas a educadoras e a um especialista, bem como observações com notas de campo e registos fotográficos.

A dimensão investigativa realizou-se no jardim de infância numa sala de pré-escolar, heterogénea em relação às idades. O presente estudo visa analisar os contributos do espaço exterior em contexto de pré-escolar. Neste sentido analisou-se as entrevistas, transcrevendo cada uma para uma tabela, de seguida elaborou-se categorias e subcategorias para a interpretação dos dados.

Por fim, encontra-se uma triangulação dos dados, as considerações finais, a bibliografia e os anexos. Com este relatório procuramos melhorar e compreender os contributos do trabalho desenvolvido no espaço exterior. Contudo, o importante devem ser as crianças, as suas necessidades e interesses.

## **PARTE I.**

### **Prática Profissional em Contexto de Educação Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico**

#### **1.1. Contextualização da Prática Profissional**

O programa de estudos do mestrado em educação pré-escolar e ensino do 1.º ciclo do ensino básico contém a unidade curricular da prática de ensino supervisionada. Nesta prática tivemos a oportunidade de ter contacto com diferentes contextos e realidades.

Inicialmente a prática supervisionada debruçou-se na maioria do tempo em observar o grupo de crianças com o intuito de se perceber quais os seus interesses, utilizando a observação participante. Na observação participante o investigador deve integrar-se na atividade, o que “implica a necessidade dum trabalho quase sempre mais dilatado e cuidadoso” (Vilelas, 2009, p. 273), interagindo com o grupo de crianças.

Após estabelecer relações de confiança, empatia e apoio com os grupos, iniciou-se a prática pedagógica. É importante referir que estas contemplaram tarefas abertas, permitindo às crianças explorar, testar e experimentar, desenvolvendo as suas próprias aprendizagens. Segundo Powell (1991 citado por Post & Hohmann, 2007), este tipo de atividades permite que as crianças “Adquiram conhecimento experimentando ativamente o mundo à sua volta – escolhendo, explorando, manipulando, praticando, transformando, fazendo experiências.” (p.1).

Além disso, foi através de todos os conhecimentos adquiridos durante o percurso académico que pudemos fundamentar, refletir e implementar o nosso projeto de intervenção. Antes da prática supervisionada é essencial conhecermos a importância da infância e da educação desta faixa etária:

pesquisar a infância (...) significa pesquisar a própria condição humana, a história do homem. (...) Imbuir-se desse olhar infantil crítico é aprender com as crianças e não se deixar infantilizar. Conhecer a infância passa a significar uma das possibilidades para que o ser humano continue sendo sujeito crítico da história que o produz. (Krammer, 2012, p. 46)

Ao longo do percurso académico existiu a oportunidade de refletir, analisar, estudar e questionar estes conteúdos, entre outros. A parte teórica é essencial para se compreender como devemos responder as necessidades do cada grupo de crianças, que são sempre diferentes e distintas.

O estágio tem como principal objetivo criar uma ponte entre a parte teórica e a parte prática, por esse mesmo motivo não podemos realizar estas em separado, e devemos aplicar conhecimentos acadêmicos na nossa prática profissional.

Tal como referido, Alonso e Roldão (2005, p. 29) “a formação inicial é a base da constituição da profissionalidade. Durante esta formação, adquirimos conhecimentos basilares para podermos desempenhar corretamente a docência, mas tomamos também conhecimento de quais as características mais importantes para se ser um professor de qualidade”. A formação inicial é, desta forma, o alicerce sobre o qual construímos a nossa carreira como educadores, combinando conhecimento teórico com as habilidades e traços pessoais necessários para alcançar o sucesso na profissão.

Oliveira e Cunha (2006) defendem que através da prática pedagógica o aluno tem a oportunidade de assimilar atitudes práticas e adquirir uma visão crítica sobre a sua área de atuação profissional. Além disso, Formosinho (2001) apoia a formação inicial e as instituições de formação têm uma grande responsabilidade “na preparação de agentes de desenvolvimento humano para uma escola para todos, multicultural e inclusiva, comprometida comunitariamente e empenhada socialmente”. (p. 37)

Esta foi uma etapa fundamental e indispensável, onde se pode colocar em prática os conhecimentos adquiridos ao longo deste percurso, atualizando algumas competências, desenvolvendo habilidades e conhecimentos e incentivando os alunos a enfrentar os desafios da vida.

A prática pedagógica valida as aprendizagens essenciais. Formosinho e Niza (2002) salientam que “(...) a aprendizagem das competências básicas para o desempenho docente, (...) a aquisição de capacidades de mobilização dos saberes necessários para a resolução dos problemas colocados pela prática docente no quotidiano das escolas” (p.23).

Ao longo dos estágios, foi construído portefólios como instrumento de exposição, reflexão e organização da prática pedagógica. Este instrumento representa uma vantagem significativa para o processo de ensino-aprendizagem, pois permitiu refletir, analisar e expor todos os conhecimentos adquiridos, dúvidas e preocupações ao longo desta fase primordial da formação.

Segundo Sá-Chaves (2000), os portefólios derivam de “dossiers de estágio e/ou diários de bordo, instrumentos retentores e organizadores da informação relativa aos processos levados

a cabo pelo formando no decurso das suas práticas pedagógicas e objeto primordial de avaliação no final do processo individual de formação” (p. 21).

Para concluir, pode-se afirmar que se realizaram muitas aprendizagens nos contextos onde se realizou a prática supervisionada. Porém, ainda há muito mais a aprender e, desta forma, espera-se ter sempre a humildade necessária para compreender que este é um processo sem fim. Deste período, conclui-se que para ser uma boa educadora deve-se possuir determinadas capacidades e funções, nomeadamente, desempenhar o papel de facilitador no desenvolvimento de relações baseadas na confiança e no prazer, utilizando para tal a atenção, gestos, palavras e atitudes (Portugal, 1998).

Não se pode deixar de referir que as crianças com a sua simplicidade e naturalidade característica da idade, fazem com que este contexto seja deveras apaixonante e uma certeza para o futuro profissional. Assim, destaca-se a importância destas experiências para a formação académica e profissional, bem como a constatação de que ser profissional em educação é uma constante aprendizagem.

## **1.2. Caracterização da Entidade cooperante A**

### **1.2.1. Caracterização do Agrupamento**

A instituição cooperante A integra-se num Agrupamento de Escolas públicas no concelho de Almada na União de freguesias Laranjeiro e Feijó.

Este agrupamento é composto por quatro escolas com valências desde a educação pré-escolar até ao ensino secundário e entrou em atividade no ano letivo 1974/1975.

A missão deste agrupamento é orientar o ensino e a aprendizagem de forma a garantir que os alunos alcancem o seu máximo potencial de forma motivada e participativa. Além disso, este agrupamento atua pelos valores de exigência, esforço, disciplina e solidariedade.

A gestão do agrupamento gere-se pelos seguintes princípios orientadores:

- “Promover o sucesso e prevenir o abandono escolar dos alunos e desenvolver a qualidade do serviço público de educação, em geral, e das aprendizagens e dos resultados escolares, em particular;”

- “Promover a equidade social, criando condições para a concretização da igualdade de oportunidades para todos;”
- “Assegurar as melhores condições de estudo e de trabalho, de realização e de desenvolvimento pessoal e profissional;

A população que compõe este agrupamento é, na sua maioria, proveniente do Sul do país. Contudo, devido aos fluxos migratório, podemos encontrar população dos países africanos de língua oficial portuguesa e de países asiáticos. Em relação ao nível socioeconómico, este agrupamento, é constituído por famílias com rendimentos de um nível médio e médio-baixo.

Em suma, este agrupamento contém um corpo docente estável e empenhado, a sua arquitetura contém espaços renovados e a oferta educativa é adequada e ajustada à comunidade escolar.

### **1.2.2. Caracterização da Escola**

A escola cooperante A foi construída em 1980. Em 2002 a Câmara Municipal de Almada ampliou as suas instalações e construiu um novo edifício autónomo para o Jardim de infância. Sendo assim, a instituição A é composta por dois edifícios, um destinado ao 1º ciclo do ensino básico e outro ao jardim de infância.

O jardim de infância, onde podemos encontrar a sala do grupo cooperante é composto por mais duas salas, duas casas de banho, uma dispensa e um gabinete com casas de banho para o pessoal docente e não docente. Além disso, este edifício contém uma sala polivalente onde se encontram mesas e cadeiras.

No edifício destinado ao 1º ciclo, podemos encontrar mais 8 salas, uma sala de professores, uma biblioteca, uma cozinha, um refeitório, um espaço interior para atividades desportivas e um gabinete de coordenação.

As instalações desta escola, não são as mais recentes, mas estão em boas condições e são bastante espaçosas.

### 1.2.3. Caracterização da sala

A sala apresenta um ambiente bastante acolhedor beneficiando significativamente da generosa entrada de luz natural proporcionada pelas suas janelas. Este ambiente luminoso cria um espaço convidativo e propício ao desenvolvimento das crianças, como se pode verificar na Figura 1.



**Figura 1:** Grupo A em reunião de concelho.

Além disso, o espaço da sala encontra-se cuidadosamente organizado em áreas de atividades distintas, cada uma delas equipada com mobiliário e materiais específicos que indicam claramente as atividades que podem ser realizadas em cada área. Esta abordagem de organização contribui para a clareza e a eficácia das atividades desenvolvidas no contexto da sala do jardim de infância.

Existem seis áreas distintas: a área do faz de conta, área da casinha, área da garagem e construções, área do observatório de ciências, área do laboratório de matemática, área da expressão plástica, área da biblioteca, área do computador e área da oficina de escrita.

Estas áreas de exploração estão equipadas com diversos materiais e com diferentes intencionalidades. A educadora cooperante, baseia-se no modelo curricular do Movimento da Escola Moderna, por esse motivo, a sala esta organizada segundo este modelo, bem como com os seus instrumentos de pilotagem.

Segundo Manuela Guedes (2021) este modelo é “(...) um modelo sociométrico, uma vez que o desenvolvimento das competências se evidencia na ação, pela participação democrática no âmbito da organização de estruturas de cooperação educativa.”.

Para além das áreas anteriormente mencionadas, no centro da sala, na área polivalente, estão dispostas mesas onde as crianças podem realizar atividades relacionadas com a expressão visual e os registos gráficos. É nesta zona que são realizadas as reuniões em grande grupo. Este espaço polivalente permite uma versatilidade nas atividades desenvolvidas, oferecendo um local adequado tanto para o trabalho individual como para a interação em grupo e a condução de discussões coletivas.

Segundo Silva et al. (2016, p. 23):

(...) cada sala organiza-se de forma a dar resposta ao desenvolvimento e aprendizagem de um determinado grupo de crianças.”. Enquanto educador/a é fundamental ter as intencionalidades bem definidas do que queremos transmitir ao grupo, pois segundo Horn (citado por Zabalza, 1987, p. 214), “(...) o modo como administramos o espaço constitui uma mensagem curricular e reflete o nosso modelo educativo.

#### 1.2.4. Caracterização do espaço exterior

O espaço exterior desta escola possibilita muitas potencialidades no âmbito do ensino-aprendizagem e na brincadeira livre. Silva et al. (2016) referem que o espaço exterior possibilita diversas oportunidades educativas, assim, é, também, um espaço educativo e deve ser pensado pedagogicamente.

Este espaço está dividido em três áreas: área da horta e da capoeira, área central (Figura 2) e a área da casinha de lama.



**Figura 2:** Área central.

A área da horta é um espaço com terra que contém plantações de árvores de fruto e de legumes, além de conter um galinheiro com galinhas. Esta área tem inúmeras potencialidades, porque possibilita que as crianças observem, manipulem e se responsabilizem pelo meio ambiente e pelos animais. De acordo com Bilton et al. (2017) “Ao ar livre, em contacto com a Natureza, surgem múltiplas surpresas e oportunidades de exploração, que enriquecem o brincar da criança” (p.98).

A presença de uma horta na área externa proporciona uma oportunidade valiosa para as crianças começarem a desenvolver o interesse em cuidar das plantas. Desta forma, têm a oportunidade de conhecer as diferentes espécies de plantas, mexer na terra, observar atentamente as mudanças nas plantas ao longo do tempo e aprender sobre a importância de as regar. Essas experiências estimulam o pensamento das crianças e despertam a curiosidade delas, contribuindo para a amplificação do seu conhecimento.

Por outro lado, a área central, é uma área de passagem e o chão é de cimento. Esta zona é ampla e as crianças têm a possibilidade de correr, fazer jogos, andar de bicicleta ou de trotinete. Além disso, este espaço contém uma zona com livros, folhas e canetas para que as crianças possam pintar, desenhar ou manusear histórias.

A área da casinha de lama (Figura 3), é num espaço com terra. Nesta zona, a criança tem a possibilidade de escavar, brincar com a água e trepar muros. Na casinha de lama, existem utensílios de cozinha, baloiços nas árvores e cordas para trepar.



**Figura 3:** Casinha de Lama.

A exploração destes espaços estimula o interesse e a curiosidade natural na criança, não sendo necessário motivar a criança previamente, apresentando-lhe objetos extraordinários e espetaculares, nem orientá-la de forma a levá-la a agir de determinada forma (L'Ecuyer, 2017).

Através destas áreas, o espaço exterior é notavelmente estimulante porque as crianças podem explorar e investigar a natureza de várias formas, como por exemplo, observando as folhas caídas no chão, subindo às árvores e descobrindo animais, como caracóis e minhocas.

No espaço exterior, as crianças desenvolvem a sua curiosidade natural, fazem descobertas e realizam aprendizagens. De acordo com L'Ecuyer (2016), o espaço exterior faz com que as crianças sejam capazes de manter a atenção durante horas a olhar para as plantas e insetos e a brincar com lama e água.

### 1.2.5. Caracterização do grupo

O grupo da sala B é composto por vinte e três crianças, com idades compreendidas entre os três e os cinco anos de idades (duas crianças de três anos, quatro crianças de quatro anos, dezassete crianças de cinco anos). O grupo abrange, ainda, doze elementos a integrar a sala pela primeira vez.

Segundo Correia (2016, p. 11), “A interação entre crianças de idades distintas é, então, benéfica para o processo de ensino-aprendizagem, criando-se um clima de troca e de partilha de conhecimentos e experiências, bem como de apoio na concretização de tarefas.”.

A equipa educativa é constituída por cinco adultos que pertencem a este grupo, a educadora, a assistente operacional, a monitora da Componente de Apoio à Família (CAF)

No que diz respeito a rotina diária deste grupo, os horários são os seguintes:

**Tabela 1.** Rotina diária deste grupo.

9h às 10h	Atividades de escolha livre e de projetos (com pausa para o lanche)
10h às 11h30	Atividades de exterior
11h30 às 12h	Higiene e hora de almoço
12h às 13h20	Higiene e atividades de exterior
13h20 às 13h45	Higiene e reunião de conselho
13h45 às 14h15	Tempo de trabalho participado pelo grupo
14h15 às 15h	Registos, finalização de projetos e arrumação de produções
15h às 15h30	Balanço do dia e hora do lanche
15h30	Saída

Este grupo de crianças demonstra ser extremamente afetivo, com um bom envolvimento em todas as áreas de aprendizagem. Evidenciou, também, desde sempre muito interesse pelas tarefas colaborativas de organização e gestão do grupo, realizando tarefas e participando em todos os momentos de planeamento, de avaliação, de resolução de problemas e de tomadas de decisões.

É importante destacar que uma das crianças foi diagnosticada com Espetro do Autismo que está devidamente acompanhada e referenciada com medidas de apoio de acordo com o Decreto-Lei 54º/2018. Embora a criança tenha dificuldades na comunicação e na interação com os outros, ela está bem integrada no grupo, sendo valorizada e respeitada por todas as crianças, que compreendem e aceitam a sua diferença.

No que diz respeito à diversidade de nacionalidades, a maioria é de nacionalidade portuguesa, porém existem crianças com nacionalidade brasileira, assim como os seus pais. Além disso, existe uma criança de nacionalidade iraquiana com muitas dificuldades de comunicação, pois apenas percebe e comunica em inglês. Inicialmente era uma criança tímida e retraída ao participar nas tarefas do grupo, mas ao longo do estágio observou-se e vivenciou-se a sua evolução e crescente integração no grupo. Isto foi possível, pois esta criança desenvolveu estratégias para se fazer perceber, interagindo e brincando com as outras crianças, esforçando-se para perceber o grupo e ser compreendida por ele.

É importante frisar que este grupo tem uma ótima interação uns com os outros, apoiam-se, ajudam-se e reconhecem as fragilidades e potencialidades de cada um e do grupo em geral. Além disso, são crianças muito autónomas, participativas, curiosas e persistentes nos seus interesses.

Dentro desta sala trabalha-se muito os laços afetivos, dá-se valor às propostas vindas das crianças e todos os elementos tem voz e são ouvidos. Estes três pontos, de acordo com observação da prática pedagógica, são essenciais para um bom ambiente educativo. Com isto, pode-se afirmar que este grupo é coeso nos seus princípios e valores, tanto para as crianças como para os adultos.

Os “Bons e Bonitos” como se autointitulam sabem cuidar, respeitar e assumir as suas responsabilidades perante o grupo.

Além do já exposto, é importante realçar que ao ser um grupo heterogéneo no que diz respeito às idades e de existirem crianças de três anos, todos participavam de diferentes formas e adequadas ao seu nível de aprendizagem.

Por fim, este grupo de crianças apresenta características de afetividade que existe entre eles e com os adultos da sala. Todos os elementos do grupo (adultos e crianças) dão uma verdadeira importância às relações afetivas o que dá sucesso e qualidade ao ambiente educativo e ao processo de ensino-aprendizagem.

### **1.3. Caracterização da Entidade cooperante B**

#### **1.3.1. Caracterização do Agrupamento**

A instituição cooperante B faz parte num Agrupamento de Escolas públicas no conselho de Almada na União de freguesias da Charneca da Caparica e Sobreda.

Este agrupamento foi constituído no ano 2013 e é composto por sete escolas, das quais duas são jardins de infância, quatro são escolas de 1º e 2º CEB e uma do ensino secundário. Cada escola, mantém a sua identidade e denominação próprias.

A gestão do agrupamento gere-se por os seguintes princípios orientadores:

- Integrar as escolas nas comunidades que servem e estabelecer a interligação do ensino e das atividades económicas, sociais, culturais e científicas
- Contribuir para desenvolver o espírito e a prática democrática;
- Assegurar a participação de todos os intervenientes no processo educativo, nomeadamente do pessoal docente e não docente, dos alunos, das famílias, das autarquias e de entidades representativas das atividades e instituições económicas, sociais, culturais e científicas, tendo em conta as características específicas dos vários níveis e tipologias de educação e de ensino;
- Assegurar o pleno respeito pelas regras da democraticidade e representatividade dos órgãos de administração e gestão da escola, garantida pela eleição democrática de representantes da comunidade educativa.

Por fim, este agrupamento de escolas tem uma unidade de apoio a alunos multideficientes e uma unidade de ensino estruturado.

#### **1.3.2. Caracterização da Escola**

A escola cooperante B foi contruída em 2013, por esse motivo tem uma arquitetura nova e moderna. Esta é a maior e mais recente escola básica do concelho.

A escola é composta por doze salas de primeiro ciclo e três salas de educação pré-escolar. Além disso, a escola possui três gabinetes, um refeitório, uma sala polivalente, instalações sanitárias e arrecadações.

No espaço exterior da escola podemos encontrar espaços amplos com telheiros, campo de futebol e equipamentos de brincadeira e lazer.

O horário da instituição é das 7:30h até às 19h, sendo esta dividida em componente letiva e não letiva. A componente letiva é das 9h até às 15:30h, enquanto que a componente não letiva funciona das 7:30h às 9h e das 15:30h até às 19h, com AEC`S e com o Acampamento de apoio à família (AAF).

Toda a escola tem espaços amplos com bastante iluminação, tornando-a assim um local privilegiado para aprender e brincar, bem como as divisões que são amplas, favorecendo a qualidade e o bem-estar de todas as crianças.

### **1.3.3. Caracterização da sala**

A sala do grupo (Figura 4) cooperante situa-se no primeiro andar, onde existem mais 4 salas, 1 casa de banho, 1 biblioteca e 1 gabinete de apoio. Além disso, para cada uma das salas existe uma despensa para arrumar materiais, o que é excelente para a organização do espaço.



**Figura 4:** Sala de aula.

A sala tem um espaço muito amplo. Na sala podemos encontrar uma bancada de apoio com torneira, cadeiras, mesas, a secretária da professora e dois móveis de apoio para arrumação. Uma das paredes, contém placares para expor trabalhos e a outra tem dois quadros: o de giz e o interativo do projetor.

Um dos pontos positivos desta sala são as janelas que contêm vidros duplos e aberturas alargadas, o que permite muita luz solar e circulação de ar, caso seja necessário. As condições e os materiais da escola são de ótima qualidade e verifica-se que a construção é recente.

#### **1.3.4. Caracterização do grupo**

O grupo cooperante B é constituído por vinte e três alunos, sendo dezasseis do sexo masculino e sete do sexo feminino. A faixa etária deste grupo situa-se entre os seis e sete anos de idade.

No que diz respeito às nacionalidades, existem duas crianças de nacionalidade brasileira e uma criança de nacionalidade russa, as restantes crianças são portuguesas.

A maioria das crianças já frequentava esta escola no ano anterior, encontrando-se familiarizadas com o espaço, com os adultos e com os colegas.

É uma turma que se mostra bastante motivada para a aprendizagem, quer a nível académico, quer de regras, rotinas e postura em sala de aula. É importante destacar que os alunos apresentam um bom ritmo de trabalho, no entanto ainda não têm algumas regras totalmente apreendidas e ainda necessitam de um reforço frequente das mesmas, principalmente alguns alunos mais faladores ou distraídos.

Embora, por vezes, o grupo de crianças apresente alguns comportamentos ligeiramente infantis devido à sua faixa etária, é uma turma com alunos motivados, curiosos, disponíveis e com sentido de responsabilidade na concretização das tarefas. Além disso, para facilitar este processo de ensino-aprendizagem, os encarregados de educação mostram-se preocupados com o êxito dos seus educandos e participam ativamente nas atividades propostas pela escola.

#### **1.4. Desenvolvimento da prática profissional e problematização da questão de partida/ do tema a partir da prática**

Ao longo das práticas profissionais supervisionadas podemos analisar, refletir e observar inúmeras teorias, conceitos e práticas. É neste contexto onde nos encontramos como futuros profissionais e que refletimos como queremos debruçar a nossa prática.

Na prática profissional pessoal na valência do pré-escolar encontrou-se um ambiente acolhedor e favorável às aprendizagens, tanto para as crianças como para os adultos.

Durante alguns meses houve um espaço para partilhar, refletir, questionar, trocar ideias e sugerir práticas com a educadora cooperante, o que fez com que se tirasse o melhor partido da prática pedagógica e que promoveu imensas aprendizagens.

É de sublinhar que com este ambiente favorável e acolhedor foi fácil e natural, aprender, ser melhor profissional e principalmente implementar o projeto de intervenção.

O projeto de intervenção veio da vontade e dos interesses do grupo e houve uma dedicação de todos os intervenientes (educadora, auxiliares, estagiárias e das famílias). De acordo com as curiosidades das crianças pelo espaço exterior e pelos ambientes naturais, surge a oportunidade de implementar um projeto de intervenção, no qual, construímos uma horta pedagógica. Todas as atividades deram resposta às perguntas e às sugestões dadas pelas crianças, através deste projeto retirei evidências necessárias para perceber que as crianças aprendem de forma participativa e significativa nestes espaços. Este grupo de crianças estava habituado a trabalhar pela metodologia de projeto, por esse mesmo motivo mostraram-se sempre muito interessados, curiosos, participativos e cooperativos.

O projeto de investigação iniciou-se numa reunião de conselho onde o grupo sugere atividades relacionadas com a horta pedagógica. Elaborámos em conjunto uma teia onde as crianças sugerem diferentes atividades e dinâmicas. Posteriormente, implementamos o nosso projeto de forma a dar respostas aos interesses, necessidades e curiosidades do grupo.

Surge, assim, o ciclo interativo pedagógico de observação/registo, planificação, avaliação e reflexão. Um ciclo tão importante e indissociável da prática educativa de qualquer educador que se valoriza e houve um esforço significativo para o trazer para as presentes práticas pedagógicas. Neste sentido, no futuro profissional que se avizinha, como educadora, pretende-se proporcionar um ambiente estimulante que promova aprendizagens significativas e diversi-

ficadas, que contribuam para uma igualdade de oportunidades. Seguindo esta linha de pensamento é necessário observar, registrar, documentar, avaliar e refletir, etapas que se consideram interligadas (Silva et al., 2016). Através desta avaliação reflexiva e sensível dá-se início a outro novo ciclo, para que, se possa futuramente adequar as planificações ao grupo.

Com este projeto de intervenção as crianças puderam recorrer aos seus sentidos e observar, sentir, cheirar, ouvir tudo aquilo que as rodeava, um momento de lazer e prazer em contacto com a natureza e o mundo que as rodeia. Considera-se, desta forma, esta experiência muito significativa, pois a área do conhecimento do mundo enraíza-se na curiosidade natural da criança. Curiosidade esta que é fomentada e alargada através de oportunidades para a aprofundar, relacionar e comunicar com aquilo que já conhece. Uma visita à horta pressupõe uma panóplia de novas descobertas, de novas inquietações e de novas perguntas e respostas.

A problematização da questão de partida surge de um interesse profundo do grupo desenvolver e adquirir conhecimentos sempre no espaço exterior, junto da natureza. Depois de se discutir com as crianças e com a educadora cooperante, percebeu-se que é essencial desmistificar que o espaço exterior é só um espaço de brincadeira livre ou autónoma, pois através deste espaço as crianças podem e devem adquirir inúmeros conhecimentos, através da observação e da manipulação.

É importante pensarmos se esta nova realidade é favorável para o bom desenvolvimento da criança. É bom repensarmos se as crianças aprendem tanto ou mais dentro de uma sala de aula como no exterior, perto da natureza onde tudo tem mais sentido e interesse.

Assim, o tema central desta investigação é "A importância do espaço exterior nas aprendizagens da educação pré-escolar." A partir desse tema, desenvolveu-se a questão de partida: "De que forma o espaço exterior pode contribuir para a promoção das aprendizagens no ensino da Educação pré-escolar?"

Face ao exposto, é evidente que o tema deste relatório é pertinente e atual, visto que ao falar e debater sobre estas temáticas incentiva os encarregados de educação, educadores e professores a refletir sobre como se pode evoluir e tornar as nossas crianças de hoje, adultos mais realizados e capazes no futuro.

As crianças pequenas possuem um instinto de curiosidade realmente admirável e surpreendente [...] Esse instinto de curiosidade é o que a leva a descobrir o mundo. [...] Quando expomos uma criança pequena a estímulos externos, de tal maneira que estes superam a sua curiosidade, anulamos a sua capacidade de motivar-se por si mesma. (Catherine L'Ecuyer, 2016, p.24)

## **PARTE II.**

### **Estudo Empírico**

#### **2.1. Enquadramento Teórico / Definição de Conceitos**

O enquadramento teórico de um tema é fundamental em qualquer pesquisa ou estudo, pois fornece uma base conceitual e teórica necessária para compreender e analisar o tema de forma adequada. Este, envolve uma revisão e uma seleção de teorias, conceitos e estudos anteriores relacionados ao tema em questão.

Este capítulo ajuda a fundamentar, contextualizar e orientar a pesquisa, contribuindo para a compreensão aprofundada do tema e para a construção do conhecimento científico. Pois, como refere Peter Checkland: “Uma pesquisa sem enquadramento teórico é como um edifício sem fundação. Pode parecer sólida à primeira vista, mas está destinada a ruir com o tempo.”.

##### **2.1.1. A Educação Pré-escolar**

A educação pré-escolar desempenha um papel crucial na educação de infância, abrangendo crianças com idades entre os 3 anos e a entrada na escolaridade obrigatória. Essa etapa é de suma importância para o desenvolvimento cognitivo, social e emocional das crianças.

De acordo com a Lei-Quadro (Lei n.º 5/97, de 10 de fevereiro), refletidas nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (OCEPE), a Educação Pré-Escolar é definida como “a primeira etapa da educação básica no processo de educação ao longo da vida” (Silva et al., 2016, p. 5). Isso ressalta a sua relevância como base para a educação contínua e o desenvolvimento integral das crianças desde tenra idade. Essa etapa não serve para preparar as crianças para a escolaridade formal, mas sim para contribuir para a formação de cidadãos competentes, socialmente adaptados e emocionalmente equilibrados.

Dessa forma, a educação pré-escolar tem como objetivo proporcionar um ambiente seguro e acolhedor para que as crianças possam explorar o mundo ao seu redor e aprender através de experiências lúdicas e interativas.

A criança é o principal sujeito do seu processo de aprendizagem, porém é essencial envolver todo o meio e sociedade que a envolve. Estes intervenientes são: família, educadores,

profissionais da educação, toda a comunidade educativa, entre outros. Estes têm um papel primordial na ajuda, no incentivo e no apoio nas aprendizagens e na formação pessoal e social. Esta etapa é fundamental para o desenvolvimento da criança e deve ser valorizada e incentivada pelos pais e pela sociedade como um todo.

Além disso, a educação pré-escolar também tem como objetivo estimular o desenvolvimento da linguagem, da coordenação motora, da criatividade, da curiosidade e da autoconfiança das crianças.

De acordo com as OCEPE (Silva et al., 2016), na educação pré-escolar, as crianças desenvolvem atitudes e valores que formam os alicerces para futuras aprendizagens fundamentais. Nesse sentido, a educação pré-escolar assume um papel fundamental como um nível educativo onde o currículo é construído com uma articulação completa das aprendizagens, onde os espaços são geridos de forma flexível e onde as crianças são incentivadas a desempenhar um papel ativo na planificação das suas próprias aprendizagens.

O Ministério da educação elaborou um documento orientador para todos os educadores, esse documento são as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar. Este documento, apoia e proporciona um currículo flexível e articulado, onde as crianças participam ativamente na planificação das suas aprendizagens, onde as metodologias são ativas e diversificadas, os métodos de avaliação inovadores e onde o educador tem a liberdade de conduzir as aprendizagens e as dinâmicas da melhor forma, consoante as necessidades e os interesses do grupo de crianças.

Para compreendermos e analisamos as OCEPE, este está organizado em três áreas de conteúdo, mas é de salientar que estas estão interligadas e relacionadas. Estas áreas de conteúdo são: Área de Formação Pessoal e Social, Área de Expressão e Comunicação (abrange domínios como: Educação física, educação artística, Linguagem Oral e Abordagem à Escrita e da matemática) e a Área do Conhecimento do Mundo.

É essencial sublinhar que, com base nessas orientações, o papel do educador é proporcionar um ambiente de aprendizagem e brincadeira, promovendo o bem-estar das crianças e reconhecendo cada criança como um sujeito ativo no seu próprio processo educativo.

Além disso, o acesso à educação é considerado um direito fundamental de todas as crianças, conforme especificado na Convenção sobre os Direitos da Criança de 1989, nos artigos 28 e 29. Isso implica que a educação pré-escolar deve ser oferecida com base na

igualdade de oportunidades, garantindo que todas as crianças tenham acesso a uma educação de qualidade desde tenra idade.

Outro aspeto relevante é que o educador desempenha um papel crucial ao observar, documentar, planear, registar, comunicar, avaliar, construir e gerir o currículo de forma articulada e inclusiva. Essas práticas pedagógicas são essenciais para garantir que cada criança receba uma educação adaptada às suas necessidades individuais, promovendo, assim, um ambiente educativo inclusivo e enriquecedor.

Concordo plenamente com a ideia de que a educação é um processo contínuo que se estende desde o nosso nascimento até o fim das nossas vidas. Nesse sentido, a educação deve ser concebida como algo harmonioso, prazeroso, coeso e profundamente significativo ao longo de todo esse percurso.

Conforme as OCEPE (Silva et al, 2016) indicam, a conceção da educação como um processo contínuo é de extrema importância. É fundamental coordenar as orientações e abordagens pedagógicas desde as fases iniciais, como a creche, até as etapas subsequentes, garantindo uma transição significativa para o ensino fundamental. Essa abordagem integrada possibilita uma aprendizagem constante e consistente, fornecendo às crianças uma base sólida para o seu desenvolvimento ao longo de toda a vida.

### **2.1.2. O espaço exterior no jardim da infância e a sua utilização**

O espaço exterior na educação pré-escolar possui uma relevância tão significativa quanto qualquer espaço interior, incluindo a sala de aula e outras áreas comuns em estabelecimentos educativos, como halls, corredores, biblioteca, refeitórios e salas polivalentes, entre outros.

O espaço exterior é reconhecido como um ambiente educativo de igual importância, devido à ampla gama de possibilidades e oportunidades de ensino que oferece. Por isso, é fundamental que o educador lhe dedique a mesma atenção e zelo que são concedidos ao espaço interior da instituição de ensino (Silva et al., 2016).

Durante muitos anos, os espaços exteriores nos estabelecimentos de educação foram predominantemente concebidos como áreas destinadas ao "lazer" e "recreio". No entanto, nos dias atuais, é crucial adotarmos uma nova perspetiva, reconhecendo esse ambiente ao ar livre como uma componente fundamental no processo de aprendizagem e na estrutura curricular.

Conforme destacado por Duarte (2015, p. 22), o espaço exterior deve ser encarado como um ambiente “rico em experiências de desenvolvimento e aprendizagem”. Além disso, o autor enfatiza que o espaço exterior deve ser concebido como uma extensão natural do espaço interior, de modo a “fomentar uma continuidade da ação educativa” (Duarte, 2015, p. 21). Nesse contexto, o ambiente externo oferece um vasto campo de oportunidades para a promoção do desenvolvimento e da aprendizagem das crianças.

Em concordância com esta premissa, as OCEPE (Silva et al., 2016, p. 27) defendem que “O espaço exterior é um local privilegiado para atividades” que são iniciadas pelas próprias crianças. Por meio da brincadeira, elas têm a oportunidade de desenvolver várias formas de interação social, bem como explorar e entrar em contacto com materiais naturais, como pedras, folhas, plantas, paus, areia, terra, água, entre outros. Estes materiais “podem ser trazidos para a sala e ser objeto de outras explorações e utilizações” (Silva et al., 2016, p. 27).

Daniel Siegel (2012) destaca que as experiências e oportunidades às quais as crianças têm acesso durante os primeiros anos de vida desempenham um papel fundamental na moldagem da sua identidade. Portanto, é de suma importância que as crianças, desde tenra idade, tenham a oportunidade de interagir com o ambiente ao ar livre e com espaços exteriores, especialmente aqueles que promovem o contacto com a natureza.

Além disso, Santos (2015) enfatiza que esses momentos ao ar livre são percebidos pelas crianças como os mais significativos na sua rotina. Isso reforça a importância de proporcionar experiências enriquecedoras e estimulantes em ambientes naturais, que não apenas enriquecem o seu desenvolvimento, mas também contribuem para a construção de memórias e experiências positivas durante a infância.

Nos jardins de infância do setor público, os espaços exteriores são, muitas vezes, limitados com muitos parques feitos de plásticos, nomeadamente sempre os mesmos tipos de equipamento: escorregas, baloiços, casinhas e chão adaptado para que as brincadeiras e a exploração sejam orientadas, não permitindo o uso da criatividade.

É importante investir em espaços amplos, com materiais naturais que oferecem inúmeras potencialidades de lazer e de aprendizagem. Além disso, espaços deste tipo oferecem uma variedade de atividades ao ar livre, como correr, pular, escalar, brincar com bolas, explorar e interagir com outras crianças.

Através do contacto com o exterior, a criança pode desenvolver inúmeras aptidões quer físicas quer cognitivas. Corroborando estas premissas, Neto (2020), um dos maiores defensores

do brincar no exterior, refere que “em contacto com a natureza podemos desenvolver a nossa “máquina” humana sensorial e preceptiva através da estimulação auditiva, tátil, olfativa...” (p. 53). Além disso, o mesmo autor, salienta que o desejo para as crianças será “passar de pequenos prisioneiros na sala de aula a pequenos exploradores” ao ar livre e em contacto com a natureza através da brincadeira.

Com isto, podemos concluir que ainda existe um trabalho longo pela frente sobre o papel do espaço exterior na educação pré-escolar, porém, cada vez existem mais estudos e autores que veem provar que devemos dar valor às potencialidades deste espaço educativo, enriquecendo e diversificado, tanto a brincadeira livre como as aprendizagens. “A receita para o sucesso escolar (..) brincar muito, de preferência ao ar livre” (Neto, 2020).

### **2.1.3. Legislação do espaço exterior no jardim de infância**

A definição de espaço exterior presente no artigo 3 do Decreto-lei n.º 379/97, refere-se a uma “área destinada à atividade lúdica das crianças, delimitada física ou funcionalmente, em que a atividade motora assume especial relevância” (p. 6804).

De acordo com o disposto no n.º 2 do artigo 25º do Decreto-Lei n.º 147/97, de 11 de junho, definir os requisitos pedagógicos e técnicos para a instalação e funcionamento de estabelecimentos de educação pré-escolar.

No Anexo 1, ficha nº 8 no Despacho Conjunto n.º 268/97, de 25 de Agosto defende que o espaço exterior deve ser organizado de forma a oferecer ambientes diversificados que permitam a realização de atividades lúdicas e educativas.

A legislação estabelece algumas características essenciais que os espaços exteriores devem incorporar, tais como: áreas cobertas, pontos de água, arrecadações, locais amplos e espaçosos e de fácil acesso para todas as crianças.

Um dos pontos mais importantes que este documento defende é de assegurar condições de segurança para a realização de múltiplas atividades, durante o seu planeamento, funcionamento e respetiva manutenção.

De acordo com o Decreto-Lei n.º 379/97 de 27 de dezembro, o espaço de jogo e recreio é uma área destinada à atividade lúdica das crianças em que a atividade motora assume especial

relevância. Por esse mesmo motivo este decreto de lei defende que o equipamento e o material devem ser construtivos para que as crianças possam brincar ao ar livre.

Para a regulação destes espaços, existem algumas existências ao nível da localização, da acessibilidade, da proteção, entre outros. Ao nível da localização, é desejável que estejam junto do edifício ou das salas para que haja um fácil acesso. Em relação as dimensões, o espaço não deve ser inferior ao dobro das áreas das salas de aula, contando com o espaço coberto.

Concluo, que o espaço exterior nos jardins de infância devem ser um o objeto de estudo cuidado de forma a permitir que as crianças possam utilizar estes espaços de maneira lúdica, livre e em segurança.

#### **2.1.4. Brincar no espaço exterior**

Segunda as OCEPE, a ação de brincar como “atividade espontânea da criança, que corresponde a um interesse intrínseco e se caracteriza pelo prazer, liberdade de ação, imaginação e exploração.” (Silva et al., 2016, p. 105). Por outro lado, as OCEPE defendem que o espaço exterior “é um local privilegiado para atividades da iniciativa das crianças que, ao brincar, têm a possibilidade de desenvolver diversas formas de interação social e de contacto e exploração de materiais naturais” (Silva et al., 2016, p. 27).

A brincadeira permite que a criança vivencie um conjunto de experiências e adquira competências. Tal como Neto (2020) defende “Brincar é adaptar-se a situações incertas, é treinar para o inesperado e imprevisível” (p. 37). É a brincar na natureza que a criança explora o meio onde vive, o seu corpo e as relações com os outros. Brincar em contexto de exterior assume alguns riscos e adversidades que em contexto de sala não existem. Estes tipos de adversidades permitem que a criança desenvolva a sua criatividade e resiliência. Além disso, é na natureza que as crianças conseguem identificar e conhecer as transformações que vão existindo ao longo do tempo, vão percebendo como tudo se desenvolve (Neto, 2020).

Neste sentido, Neto (2020), ainda defende que a interação com a Natureza deve ser explorada com todos os sentidos, observar os animais, desenvolvendo a mobilidade de cada criança. O autor refere que é crucial existirem espaços exterior nas escolas, com diversos elementos, a título de exemplo, pedras, árvores, terra, água, horta, baldes, pás, regador, sementes, entre outros.

Mediante o exposto, Barbosa e Horn (2022), refere que é no planejamento e na organização que se desenvolvem as deferentes áreas essenciais nos espaços exteriores. Os autores destacam as diversas intencionalidades que neste espaço podem existir “brincadeiras motoras e de amplos movimentos”, por outro lado estes contextos promovem brincadeiras como “sentar debaixo de uma árvore, esconder-se em um esconderijo da cerca, brincar de casinha, entre outras experiências que envolvem menos movimentação” (p. 89).

Continuando na mesma linha de pensamento, Bilton et al. (2017) afirmam que é na Natureza que “surgem múltiplas surpresas e oportunidades de exploração, que enriquecem o brincar da criança” (p. 28). Neste espaço de descoberta, questionamento e interação com o mundo exterior que o papel dos adultos passa por auxiliar os estímulos dos contextos exteriores.

Para Sarmento et al. (2018), a brincadeira ao ar livre promove um desenvolvimento integral do ser humano. Contribui para o crescimento holístico da criança, construção da sua identidade enquanto ser e desenvolver competências de relacionamento com os seus pares. Segundo Ferland (ANO, citado por Sarmento et al., 2018), “A brincadeira é, para a criança, a sua linguagem primária, aquela que lhe facilita soltar o seu mundo interior, as suas emoções e sentimentos.” (p. 41).

Face ao exposto, nas OCEPE (2016) está referenciado a importância dos contextos exteriores, bem como, as aprendizagens que se fazem neste espaço. Este recurso promove múltiplas oportunidades e potencialidades a nível pedagógico. Para além das diversas oportunidades que este espaço tem, é ainda importante referir que o papel do educador deve ser um papel reflexivo, principalmente no que diz respeito à introdução de equipamentos e materiais novos neste espaço. O educador deve ter em conta que os materiais desenvolvam a imaginação e criatividade.

É no contexto exterior que as crianças se desenvolvem a nível motor e cognitiva. A nível motoro, foi especificado anteriormente, declarando os benefícios destes espaços no que concerne ao desenvolvimento da motricidade fina e grossa. Para além disto, é na rua que as crianças adquirem pensamento crítico, reflexões, resolução de problemas e amadurecem a sua criatividade (Portugal & Bento, 2016).

Os autores Portugal e Bento (2016) salientam ainda que as características do espaço exterior contribuem para “o desenvolvimento cognitivo, é possível considerar que, pela sua imprevisibilidade, os espaços naturais colocam desafios as crianças”, este contacto privilegia a criança a nível das aprendizagens baseadas nas suas experiências.

Por fim, Dias (2021) afirma que as crianças são “exploradoras incansáveis, as crianças estão constantemente a fazer descobertas no espaço exterior” (p. 18). Da mesma forma, Ventura (2021) afirma que “O contacto com a natureza e as brincadeiras ao ar livre promovem a criatividade, as capacidades motoras, a concentração, a capacidade de resolver problemas, atenua o défice de atenção e promove a consciência ambiental” (p. 3).

### **2.1.5. Para práticas pedagógicas recorrendo ao exterior: o papel do educador.**

O papel principal do educador de infância assenta nas intencionalidades da sua prática, que requer uma reflexão sobre as práticas pedagógicas, bem como, a sua organização e ação. Segundo as Orientações Curriculares esta reflexão baseia-se em quatro grandes pilares, observar, planear, agir e avaliar. É a partir deste ciclo interativo que o educador regula a sua ação e as decisões a tomar no momento.

O ciclo de observação deve estar presente em todos os contextos, sendo que é uma ferramenta fundamental para proporcionarmos às crianças aprendizagens mais significativas. As orientações curriculares defendem que “Planear implica que o/a educador/a reflita sobre as intenções educativas e as formas de as adequar ao grupo, prevendo situações e experiências de aprendizagem e organizando recursos necessários à sua realização” (Silva et al., 2016, p. 15). Tendo em conta todas as formas de aprender, utilizando, desta forma, a diferenciação pedagógica dentro das salas de aula devemos planear de acordo com os interesses manifestados pelas crianças.

Desta forma, as crianças seriam um membro ativo na sua própria aprendizagem, refletindo e expondo a sua opinião, podendo decidir quais as atividades que gostariam de ver desenvolvidas e quando. O intuito desta participação ativa das crianças é tratá-las como os seres livres e capazes de tomar decisões que são, no que concerne a sua prática de aprendizagem bem como em futuras decisões como cidadãos do mundo. Estas atividades promovem e desenvolvem a capacidade reflexiva e da área de desenvolvimento pessoal e social, isto é “A vida em grupo implica confronto de opiniões e necessidade de resolver conflitos que suscitarão a necessidade de debate e de negociação, de modo a encontrar uma resolução mutuamente aceite pelos intervenientes” (Silva et al., 2016, p. 39).

De acordo com a metodologia por projeto, as crianças devem guiar as suas próprias aprendizagens, ou seja, as planificações devem ser alteradas sempre que necessário, uma vez

que “As crianças tornam-se especialistas da sua própria aprendizagem”, sendo que o educador deve propor diversas atividades, no entanto, “... as crianças podem ser autorizadas a recusá-las e a julgar por elas próprias”, o educador deve privilegiar o contributo das crianças perante as atividades a desenvolver (Katz & Chard, 1997, p. 27). Ainda que pareça uma resposta direta e fácil de obter e compreender, penso que esta questão seja pertinente, potenciando a reflexão sobre estas escolhas, sabendo que as tomadas de decisão devem ser conscientes e com o objetivo de beneficiar o grupo. A metodologia de trabalho por projeto visa a integração de todos, indo ao encontro das necessidades e interesses de cada criança, “Cultivar a predisposição das crianças para avaliar e refletir sobre as suas próprias contribuições para um projeto e para serem responsáveis por elas próprias é uma característica importante da abordagem de projecto” (Katz & Chard, 1997, p. 31).

No desenvolvimento deste processo é importante adequar a ação de acordo com as características de cada criança, do contexto social e do grupo e do em que trabalha.

Ainda nas orientações curriculares é referido que o educador atribui sentido à ação, por outras palavras, “ter um propósito, saber o porquê do que faz e o que pretende alcançar.” (Silva et al., 2016, p.13). O educador é o gestor do currículo, este tem a função de decidir sobre a organização do espaço envolvente, no exterior e no interior, apoiando-se na documentação pedagógica e no ciclo de observação.

Adicionalmente, Hohman e Weikart (2009) afirmam que o adulto apoia o desenvolvimento da criança, por esse motivo, o objetivo principal do educador deve ser encorajar as crianças para uma aprendizagem ativa. Quer isto dizer que os educadores de infância “não dizem às crianças o que aprender ou como aprender – em vez disso dão às crianças o poder de terem controlo sobre a sua própria aprendizagem.” (p. 27).

Na mesma linha de pensamento, Bilo et al. (2017) afirmam que o educador apresenta um papel essencial na pedagogia no espaço exterior, uma vez que deve apresentar um espírito reflexivo e capacidade crítica, perante as adversidades do espaço exterior. Os autores destacam diferentes dimensões pedagógicas que o educador deve adotar na sua prática em contexto de exterior, nomeadamente

Isso inclui a necessidade de estar aberto e flexível a diferentes formas de pensar e agir, permitindo que os efeitos das atividades se revelem com o tempo. Além disso, é importante criar um espaço de partilha de informações, ideias e dúvidas, promovendo a colaboração e a aprendizagem coletiva.

Uma outra dimensão relevante é a criação de um sistema eficaz de monitorização das experiências das crianças, levando em consideração os seus interesses centrais. Isso significa estar atento aos interesses e necessidades das crianças e adaptar as atividades de acordo com esses fatores, promovendo assim um ambiente educativo mais rico e envolvente.

Não obstante, Horn e Barbosa (2022) destacam a importância na interação com o espaço exterior, no qual a criança cria, observa, experimenta e brinca. É neste local que o adulto promove atividades exploratórias, onde existe uma interação com os pares e com os adultos, bem como, com o mundo ao seu redor. É aqui que as crianças estabelecem relações espaço, tempo, transformações e quantidades. Os presentes autores mencionam pontos fulcrais no que concerne às experiências de um espaço exterior.

Os autores mencionam aspetos fundamentais relacionados às experiências no ambiente exterior, que incluem a escolha cuidadosa do local para as atividades, a gestão do tempo dedicado a essas experiências, a organização do material disponível, as interações que ocorrem entre as crianças, bem como entre elas e os materiais utilizados. Eles também ressaltam a importância das ações e comportamentos das crianças durante as atividades, enfatizando a natureza lúdica e contínua dessas experiências. Além disso, consideram relevante as intervenções e propostas da professora, que desempenham um papel orientador e enriquecedor no processo de aprendizagem das crianças neste contexto específico.

Por fim, os educadores que desempenham este papel tornam-se profissionais conscientes da sua prática, uma vez que observam e refletem sobre a sua prática pedagógica, bem como, as necessidades e os interesses das crianças.

#### **2.1.6. A importância do espaço exterior como elemento nuclear no desenvolvimento curricular**

Existem cada vez mais investigadores ao longo dos últimos anos focados em estudar as potencialidades das metodologias direcionadas para uma abordagem educativa junto da natureza. Neste sentido, relativamente a brincadeira ao ar livre junto da natureza, Hanscom (2018) afirma que “brincar ao ar livre é um género de brincadeira que promove um desenvolvimento saudável do ponto de vista sensorial e motor das crianças” (p. 15).

Através do contacto com o exterior, a criança pode desenvolver inúmeras aptidões quer físicas quer cognitivas. Corroborando estas premissas, Neto (2020), um dos maiores defensores

do brincar no exterior, refere que “em contacto com a natureza podemos desenvolver a nossa “máquina” humana sensorial e preceptiva através da estimulação auditiva, tátil, olfativa...” (p. 153).

Ainda na mesma linha de pensamento, para Hanscom (2018) as crianças na natureza aprendem a correr riscos, ultrapassar medos, fazer amigos, regular emoções e a criar mundos imaginários.

Além destas aptidões, vários autores defendem que a natureza estimula e desenvolve a curiosidade, o que é essencial para as aprendizagens significativas. LEcuyer (2017) afirma que “a natureza é uma das primeiras janelas de curiosidade da criança” (p. 77).

Vários estudos afirmam, ainda, que o contacto com a natureza reduz sintomas de défice de atenção, hiperatividade, entre outros. Além disso, favorece a capacidade de controlar a impulsividade e a tornarem-se fortes, pacientes e capazes... (Ecuyer, 2017, p. 80).

De acordo com um documento extraordinário da Sociedade Brasileira de Pediatria e do instituto Alana citado por Neto (2020, pp. 155-156) os benefícios do contato com a natureza são:

- promoção do desenvolvimento da criatividade, autoconfiança, cooperação social, resolução de problemas e tomada de decisão.
- Melhoria das funções cognitivas;
- Maior capacidade de aprendizagem na escola
- Aquisição de valores éticos, empatia humildade e sentimento de pertença.
- entre outros...

## **2.2. Objeto de Estudo**

Após se observar a relação que o grupo de crianças estabelece com o espaço exterior, tornou-se evidente a importância desse espaço educativo no desenvolvimento integral das crianças e, principalmente, nas suas aprendizagens.

Assim, o presente relatório final tem como objetivo principal analisar a importância do espaço exterior nas aprendizagens da educação pré-escolar. Após aprofundar a problemática e o contexto educativo, foram selecionados os seguintes objetivos para esta investigação:

- Perceber de que modo o trabalho no espaço exterior com as crianças promove aprendizagens significativas;
- Compreender e estabelecer a relação entre o papel desempenhado pelo ambiente exterior e pela natureza na aquisição de aprendizagens;
- Analisar o potencial do espaço exterior nas aprendizagens da educação pré-escolar;
- Explorar a perceção dos educadores da educação pré-escolar sobre a importância do ambiente exterior nas suas práticas pedagógicas.

Além destes objetivos de investigação, foram elaboradas duas grandes questões:

- De que forma o espaço exterior viabiliza as aprendizagens essenciais na educação pré-escolar?
- Quais são as aprendizagens que as crianças adquirem no espaço exterior?

## **2.3. Metodologia**

No que concerne à natureza da investigação esta trata-se de uma investigação qualitativa que, cujas características são referidas por Bogdan e Biklen (1994) e assentam em cinco pontos:

1. Os dados são recolhidos no ambiente natural, sendo o investigador o principal responsável pela construção de ferramentas de recolha de dados.
2. É essencialmente descritiva, priorizando a elaboração de descrições detalhadas do estudo.
3. Os investigadores demonstram um interesse mais acentuado pelo processo do que meramente pelos resultados ou produtos decorrentes desse processo.
4. Os investigadores qualitativos tendem a analisar os seus dados de forma indutiva.

5. A atribuição de significado é de extrema importância na abordagem qualitativa, visto que se concentra na interpretação e compreensão dos fenômenos com base nos contextos e perspectivas dos participantes.

Em relação à validade dos procedimentos qualitativos, é crucial destacar que os critérios de validação devem ser específicos e objetivos. De acordo com as orientações de Lessard-Hébert et al. (1994 citado por Sousa, 2005), é importante considerar os seguintes tipos de validação: interação entre o investigador e o grupo-indivíduos, duração prolongada de estadia do meio e a amostra não for representativa da população.

É fundamental destacar que os objetivos primordiais de uma abordagem qualitativa incluem o desenvolvimento de conceitos, a descrição de realidades multifacetadas e a formulação de uma teoria fundamentada.

Os dados recolhidos são de natureza qualitativa, uma vez que se referem a pessoas, locais e conversas. Conforme observado por Bogdan e Biklen (1994, p. 113), “Trata-se de locais onde os sujeitos se entregam às suas tarefas quotidianas, sendo estes ambientes naturais, por excelência, o objeto de estudo dos investigadores”.

De acordo com Carmo e Ferreira (2008), é essencial orientar um guião de observação para facilitar o desenvolvimento do projeto investigativo e obter informações valiosas sobre o objeto de estudo. Isso garante uma abordagem estruturada e direcionada na recolha de dados qualitativos, permitindo uma análise profunda e significativa das atividades e interações presentes nos ambientes de estudo.

Para Minayo e Sanches (1993), o investigador que trabalha com o paradigma qualitativo explora valores, crenças, representações, hábitos, atitudes e opiniões apropriando-se da complexidade específica de fatos e de processos particulares. Nessa perspectiva, o investigador aprofunda o mundo que deseja estudar e estabelece uma aproximação com a população, com o objetivo de a conhecer e, dessa forma, conquistar a sua confiança (Bogdan & Biklen, 1994).

Para concluir, podemos afirmar que a investigação qualitativa tem como foco a compreensão de problemas de investigação que envolvam o comportamento, as atitudes e os valores das pessoas. É especialmente adequada para abordar e problemas que envolvem a natureza humana e que ocorrem em contextos específicos. Além disso, esta segue uma lógica indutiva (Santos & Nogueira, 2023).

## 2.4. Técnicas e Instrumentos de Recolha de Dados

Nesta investigação são utilizadas diferentes técnicas e instrumentos de recolha de dados.

Segundo Almeida e Pinto (1990, p. 102), as técnicas de recolha de dados são “um conjunto de procedimentos bem definidos e transmissíveis, destinados a produzir certos resultados na recolha e tratamento da informação”.

As técnicas e os instrumentos de recolha de dados representam componentes fundamentais para a realização desta investigação, pois através deles conseguimos abordar de forma coesa e concreta a questão-problema em análise.

No que diz respeito às técnicas de recolha de dados, optou-se pela observação direta, utilizando os seguintes instrumentos: notas de campo e registos fotográficos. Além disso, foram conduzidas entrevistas semiestruturadas com as educadoras.

É importante destacar que estas técnicas e instrumentos de recolha de dados desempenham um papel crucial para a obtenção de respostas às questões inicialmente colocadas e na condução da investigação. Desta forma, conseguiremos obter resultados e respostas mais concretos, que servirão de base para o tratamento dos dados e para o desenvolvimento do estudo.

O presente estudo é de natureza qualitativo. Dentro da investigação qualitativa encontram-se como instrumentos de recolha de dados as notas de campo, as fotografias e as entrevistas.

### Observação

A ideia de planificar, agir e avaliar remete-nos para o ciclo de observação. O ciclo de observação deve estar presente em todos os contextos, uma vez que, é uma ferramenta fundamental para proporcionarmos às crianças aprendizagens mais significativas. Tal como defendem as orientações curriculares “Planear implica que o/a educador/a reflita sobre as intenções educativas e as formas de as adequar ao grupo, prevendo situações e experiências de aprendizagem e organizando recursos necessários à sua realização” (Silva et al., 2016, p. 15). Tendo em conta todas as formas de aprender, utilizando, desta forma, a diferenciação pedagógica dentro das salas de aula devemos planear de acordo com os interesses manifestados pelas crianças.

Face ao exposto nas orientações curriculares, necessário estar preparada com diversos recursos que incitem as crianças a estar empenhadas na sua função de participantes ativos da

sua própria aprendizagem. Neste sentido, deve ser contemplada na planificação diversas atividades que possam ser introduzidas para que as crianças se mantenham motivadas e atentas.

Depois da planificação, surge a observação e avaliação, fase na qual, cada professor, reflete sobre quais as propostas que resultaram com o grupo e o que não resultou tão bem, com a elaboração de possíveis sugestões de alteração das tarefas. Segundo Lopes e Silva (2012), “A avaliação está, na verdade, no coração de toda a aprendizagem” (p. VII), por outras palavras, a avaliação é o ponto de partida para novos conhecimentos. É necessário que todo este ciclo seja permanente, só assim podemos melhorar a nossa ação enquanto docentes. O docente deve ainda avaliar o progresso de cada criança, comparando a sua evolução ao longo do tempo.

O educador deve refletir “sobre as suas intenções educativas e as formas de as adequar ao grupo, prevendo situações e experiências de aprendizagem e organizando recursos necessários à sua realização”, porém os intervenientes na ação educativa devem estar abertos para as propostas que ocorreram no momento (Silva et al., 2016, p. 15).

### Notas de Campo

As notas de campo surgem da necessidade de investigar a realidade, para isso é fundamental transmitir confiança e tranquilidade para que a ação dos indivíduos não seja contaminada pela sua presença. Tal como refere Bogdan e Biklen (1994) “O trabalho de campo refere-se ao estar dentro do mundo do sujeito” (p. 113), por outras palavras, o investigador é parte integrante daquela amostra.

Neste sentido, para auxiliar o trabalho de campo o investigador recorre a notas de campo, onde regista as atividades que observou no contexto escolar, as conversas e os acontecimentos. Além disso, o investigador acrescenta a sua interpretação face aos factos que presenciou, analisou e refletiu. Segundo Bogdan e Biklen (1994), as notas de campo assentam em dois pressupostos primeiramente descritiva e em segundo plano reflexiva. Quando o investigador descreve os acontecimentos, este deve focar-se em “captar uma imagem por palavras do local, pessoas, ações e conversas observadas” (p. 152). De seguida, o investigador deve refletir sobre a rocalha de dados “apreende mais o ponto de vista do observador, as suas ideias e preocupações.” (Bogdan & Biklen, 1994, p. 152).

### Registo Fotográfico

Como complemento às notas de campo também foi utilizado o registo fotográfico onde ilustra todas as atividades observadas. Os autores Bogdan e Biklen (1994), referem que “as fotografias não são respostas, mas ferramentas para chegar à resposta” (p. 191). A fotografia foi utilizada como ferramenta educacional e de recolha de dados.

### Entrevistas

Como referido anteriormente, além das notas campo existe outro instrumento de recolha de dados que foi utilizado na presente investigação a entrevista. A escolha da entrevista carece sobre a oportunidade de obter informações para dar resposta ao objeto em estudo. Neste sentido, “a entrevista é utilizada para recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspetos do mundo” (Bogdan & Biklen, 1994, p. 134). As entrevistas podem ser constituídas por questões gerais ou questões mais particulares de acordo com a problemática em estudo.

Alguns autores defendem que as entrevistas qualitativas presenteiam o entrevistador com “uma amplitude de temas considerável, que lhe permitem levantar uma série de tópicos e oferecem ao sujeito a oportunidade de moldar o seu conteúdo” (Bogdan & Biklen, 1994, p. 135). Por outro lado, as entrevistas com um carácter mais regido e inflexível não se enquadram nesta natureza de investigação qualitativa.

Da mesma forma Sousa (2005) alega que a entrevista tem como principal objetivo recolher informação questionando os sujeitos selecionados para o estudo. O investigador tem o papel de direcionar a entrevista para o objeto em estudo, contudo, ele tem o dever de promover um ambiente tranquilo para que o entrevistado dê o máximo de informações que o investigador espera. Na realização das entrevistas o investigador averiguar sentimentos, factos, opiniões, decisões, motivações e reflexões elaborou sobre os tópicos em estudo.

De acordo com Sousa (2005) as entrevistas para além das perguntas elaboradas no guião o entrevistador ao longo da conversa tem a possibilidade de questionar “os porquês e o esclarecimento das circunstâncias que possibilitam uma melhor compreensão das respostas, das motivações e da linha de raciocínios que lhe estão inerentes” (p. 247).

Para a elaboração da entrevista é necessário selecionar o público-alvo que “(...) estejam envolvidas ou em contacto muito próximo com o problema que se quer estudar.” (Amado, 2013, p. 214), criar um guião da entrevista, formular questões pertinentes, que devem ser abertas, singulares, claras e neutrais. “Nas entrevistas semiestruturadas fica-se com a certeza de se obter dados comparáveis entre os vários sujeitos...” (Bogdan & Biklen, 1994, p. 136).

Para a realização destas entrevistas, foi construído o seguinte guião:

**Tabela 2:** Guião da Entrevista às Educadoras

Blocos/Categorias	Objetivos/ Subcategorias	Questões/Unidades de registo
<b>Legitimação da entrevista</b>	Explicar os objetivos da entrevista; Explicar e revelar o tema da investigação; Assegurar anonimato; Solicitar autorização da gravação da entrevista.	Realizar uma breve explicação sobre a investigação; Mencionar os objetivos da entrevista; Pedido de autorização para a gravação da entrevista.
<b>Percurso da instituição</b>	Conhecer a instituição, o seu projeto e a sua missão.	Qual é a instituição onde trabalha? Onde se localiza? Há quanto tempo existe? Qual é a sua missão? Qual é a metodologia utilizada na instituição?
<b>Percurso e escolhas da prática profissional</b>	Identificar a importância que do espaço exterior na sua prática profissional; Conhecer metodologias postas em prática para desenvolver o trabalho no espaço exterior.	Implementam atividades no espaço exterior? Que tipo de atividades? Qual o papel do educador no espaço exterior junto das crianças? Nas planificações e nas práticas pedagógicas, quanto tempo dedica ao trabalho no exterior? Quais são as aprendizagens que as crianças fazem com as atividades no espaço exterior? De que forma as avalia? Como podemos organizar o espaço exterior de forma a promover novas aprendizagens?
<b>Importância do espaço exterior e da natureza nas aprendizagens</b>	Recolher dados sobre a importância do espaço exterior e da natureza; Identificar estratégias para trabalhar o processo de ensino-aprendizagem no espaço exterior.	Na sua opinião, qual é o potencial do espaço exterior nas aprendizagens da educação pré-escolar? Quais são as aprendizagens significativas que as crianças fazem no contexto exterior que não fazem nas salas? Tendo em conta a vossa experiência que sugestões daria para promover um maior contacto e trabalho com o espaço exterior?
<b>Conclusão</b>	Agradecer a colaboração	

Ainda no âmbito das entrevistas, elaborou-se um guião com algumas perguntas para serem realizadas ao especialista do tema em estudo, que se apresentam seguidamente:

**Tabela 3** Guião Entrevista ao Especialista

<b>Blocos/Categorias</b>	<b>Objetivos/ Subcategorias</b>	<b>Questões/Unidades de registo</b>
<b>Legitimação da entrevista</b>	Apresentação; Explicar os objetivos da entrevista; Explicar e revelar o tema da investigação;	Realizar uma breve explicação sobre a investigação; Mencionar os objetivos da entrevista; Pedido de autorização para a gravação da entrevista;
<b>Importância do espaço exterior e da natureza nas aprendizagens na Educação Pré-Escolar</b>	Identificar a importância que do espaço exterior; Recolher dados sobre a importância do espaço exterior e da natureza; Identificar estratégias para trabalhar o processo de ensino-aprendizagem no espaço exterior;	De que forma o espaço exterior contribui para as aprendizagens na Educação Pré-escolar? Quais são as aprendizagens mais significativas que as crianças adquirem no espaço exterior? Quais as estratégias que os profissionais devem implementar para promover e potencializar o espaço exterior??"
<b>Conclusão</b>	Agradecer o seu Contributo	

## 2.5. Apresentação, Análise e Discussão de Resultados

### 2.5.1. Apresentação e análise dos resultados: Entrevistas às educadoras

Para este estudo foram realizadas cinco entrevistas, das quais duas são de entidades privadas e as outras são de escolas públicas. As escolas, localizam-se em Lisboa, Almada e centro de Portugal. Em relação a sua existência, a mais antiga tem quarenta anos e a mais recente três. Em relação à metodologia das instituições, todas referem que os educadores têm liberdade para escolher a metodologia usada. Porém a maioria, opta por metodologia de projeto, MEM, eclética, ativa, ou abordagens não formais com foco no exterior e no brincar.

No processo de aplicação das entrevistas, foi enviado um e-mail em primeiro lugar a pedir a colaboração a estas cinco instituições que rapidamente responderam dando o seu consentimento e o seu contributo.

As transcrições das entrevistas foram organizadas em tabelas de dupla entrada, onde se organizam em bloco, questão e respetiva resposta. As transcrições das entrevistas às educadoras, podem ser observados em Apêndice 1 do presente relatório.

**Tabela 4:** Análise à Pergunta 1

Bloco	Percurso e escolhas da prática profissional
Pergunta	1. Implementam atividades no espaço exterior? Que tipo de atividades?
Respostas	<p style="text-align: center;"><b>Participante 1</b></p> <p>“70% a 90% do tempo é passado no exterior e por este motivo <b>todas as atividades pedagógicas são implementadas no exterior.</b>”</p> <p style="text-align: center;"><b>Participante 2</b></p> <p>Sim, utilizamos bastante o espaço exterior. A escola é rodeada por uma mata, e nesse espaço fazemos atividades de <b>exploração livre e algumas orientadas</b>. Observa-se a natureza, a biodiversidade, desenvolvem-se projetos de intervenção, nomeadamente <b>ações de proteção e prevenção contra a poluição</b>. Também no espaço do recreio da escola, construímos uma <b>cozinha de lama, uma oficina e um espaço da música</b>, onde as crianças desenvolvem as suas atividades, com lama, com ferramentas verdadeiras e exploram livremente os sons.”</p> <p style="text-align: center;"><b>Participante 3</b></p> <p>“O espaço exterior é assumido como cenário pedagógico, num <b>alargamento do contexto educativo</b>, para além das paredes da sala. Assim, diversificam-se as atividades de exterior, indo <b>muito além das atividades motoras</b>, passando a considerar-se um espaço potenciador das relações, logo de todas as oportunidades de <b>aprendizagem, sejam no domínio cognitivo, social, emocional</b>”</p> <p style="text-align: center;"><b>Participante 4</b></p>

	<p>A instituição tem cada vez valorizado mais o espaço exterior e a equipa recebeu formação na área dos projetos ao ar livre. Desta forma, construíram-se algumas <b>estruturas de brincar, como: baloiços, estruturas de equilíbrio, túneis, caixa de areia e peças soltas</b>. Nestes espaços as crianças <b>brincam livremente</b>.</p> <p style="text-align: center;"><b>Participante 5</b></p> <p>“Sim. <b>Exploração livre</b> do espaço, <b>utilização de materiais naturais, passeios pela comunidade envolvente</b> e realização de atividades motoras.”</p>
--	---

Os participantes, de forma geral, afirmam que implementam atividades no espaço exterior. Em relação ao tipo de atividades, a maioria dos participantes mencionou que dão preferência as explorações livres, nomeadamente cozinha de lama, oficinas, explorações de sons e projetos que envolvam a natureza (Tabela 10).

**Tabela 5:** Categorias e Subcategorias da Pergunta 1

<b>Categoria</b>	<b>Subcategoria</b>	<b>Número de vezes que é mencionado pelos Entrevistados</b>
Implementação de atividades no espaço exterior	Sim	5
	Não	0
Tipo de atividades	Exploração livre	4
	Exploração orientada	1
	Projetos de prevenção	2
	Cozinha de lama	2
	Oficinas	1

Verifica-se que na primeira questão todos os entrevistados implementam atividades no exterior. Da mesma forma, as OCEPE afirmam que “O espaço exterior é igualmente um espaço educativo pelas suas potencialidades e pelas oportunidades educativas que pode oferecer” (Silva et al, 2016, p.27). No que concerne à questão sobre a categoria do tipo de atividades que desenvolvem neste contexto, os sujeitos mencionaram quatro vezes que fazem exploração livre, uma vez que fazem exploração orientada, uma vez que fazem projetos de intervenção, dois que fazem cozinha de lama e por fim uma referiu que elabora oficinas no espaço exterior. Citando novamente as OCEPE o espaço exterior “tem características e potencialidades que permitem um enriquecimento e diversificação de oportunidades educativas” (Silva et al, 2016, p.27), ou seja, neste local existe a possibilidade de implementar todo o tipo de atividades.

**Tabela 6:** Análise à Pergunta 2

<b>Bloco</b>	Percurso e escolhas da prática profissional
<b>Pergunta</b>	2. Qual o papel do educador no espaço exterior junto das crianças?
<b>Respostas</b>	<p style="text-align: center;"><b>Participante 1</b></p> <p>“Na escola da floresta <b>o adulto é facilitador das aprendizagens.</b> Quando a criança demonstra interesse por um tópico cabe ao adulto facilitar-lhe as técnicas para concretizar o projeto.”</p> <p style="text-align: center;"><b>Participante 2</b></p> <p>“O papel do educador no espaço exterior <b>é um papel de observador, de apoio e de mediador ao identificar interesses e/ou necessidades</b> atuando naturalmente, <b>ampliando as experiências das crianças.</b>”</p> <p style="text-align: center;"><b>Participante 3</b></p> <p>“O mesmo que em sala de referência do grupo, <b>o mediador e facilitador da aprendizagem, detentor do conhecimento dos interesses e necessidades</b> de cada criança e do grupo em geral, <b>internacionalizando os contextos de aprendizagem e sustentando os processos.</b>”</p> <p style="text-align: center;"><b>Participante 4</b></p> <p>Um papel educativo.</p> <p style="text-align: center;"><b>Participante 5</b></p> <p>“O educador tem um papel de <b>observador e mediador. Planeia um espaço acolhedor, seguro e apelativo</b> e provoca o pensamento e a ação.”</p>

Nesta questão os sujeitos apresentam a mesma linha de ação ao nível do papel do educador no espaço exterior junto das crianças. Os participantes adjetivam o profissional de educação como um mediador, facilitador, observador e detentor das aprendizagens e necessidades das crianças (Tabela 12).

**Tabela 7:** Categoria e Subcategoria da Pergunta 2

<b>Categoria</b>	<b>Subcategoria</b>	<b>Número de vezes que é mencionado pelos Entrevistados</b>
Papel do Educador	Facilitador	2
	Observador	3
	Mediador	4
	Detentor	1

Verifica-se que na pergunta número dois, a resposta mais frequente sobre o papel do professor, foi a subcategoria de mediador, tendo um total de quatro entrevistados a enunciarem esta subcategoria. Concordantemente Hohman & Weikart (2009, p.27), afirmam que os educadores “não dizem às crianças o que aprender ou como aprender – em vez disso dão às crianças o poder de terem controlo sobre a sua própria aprendizagem.”

Seguidamente, os sujeitos enunciaram três vezes a subcategoria de observador. Por fim, existiram dois registos onde os entrevistados citam que o educador deve ser facilitador e por último uma vez o detentor.

**Tabela 8:** Análise à Pergunta 3

Bloco	Percurso e escolhas da prática profissional
Pergunta	3. Nas planificações e nas práticas pedagógicas, quanto tempo dedica ao trabalho no exterior?
Respostas	<p style="text-align: center;"><b>Participante 1</b></p> <p>“70 a 90% do nosso tempo é no exterior”.</p> <p style="text-align: center;"><b>Participante 2</b></p> <p>“Nas planificações priorizo cada vez mais as <b>práticas outdoor</b>. Portanto uma grande fatia do tempo é usada no exterior.”</p> <p style="text-align: center;"><b>Participante 3</b></p> <p>“O tempo superior ao do espaço de sala. <b>Numa rotina normal</b> de 40 horas semanais, as crianças têm de forma flexível, um planeamento que prevê 15 horas em sala e <b>20 horas em espaço exterior</b>.”</p> <p style="text-align: center;"><b>Participante 4</b></p> <p>Na sala do pré-escolar, o tempo passado ao ar livre lá fora é superior ao da creche. No caso da pré as crianças <b>passam mais tempo no exterior do que no interior</b>, uma vez que a educadora encara este espaço como educador”</p> <p style="text-align: center;"><b>Participante 5</b></p> <p>Uma vez que o espaço exterior é partilhado com outros ciclos de ensino. Conseguimos usufruir do espaço entre <b>1h a 1h30m diariamente</b>.”</p>

Os intervenientes salientam que passam mais tempo no espaço exterior. Em média os participantes passam mais de metade do tempo na natureza, comparativamente as horas que planificadas no espaço exterior (Tabela 14).

**Tabela 9:** Categoria e Subcategorias da Pergunta 3

Categoria	Subcategoria	Número de vezes que é mencionado pelos Entrevistados
Tempo dedicado ao espaço exterior	Mais tempo no exterior	4
	O mesmo tempo que na sala de atividades	1
	Menos tempo no exterior	0

Nesta tabela, podemos verificar que os entrevistados enunciaram que em relação ao tempo dedicado ao espaço exterior, indicam quatro vezes que passam mais tempo no espaço exterior, e uma vez indicaram que passam o mesmo tempo qua na sala de aula. Face ao exposto

as OCEPE afirmam que o educador deve dar a mesma atenção do espaço interior ou espaço exterior.

**Tabela 10:** Análise à Pergunta 4

Bloco	Percurso e escolhas da prática profissional
<b>Pergunta</b>	4. Quais são as aprendizagens que as crianças fazem com as atividades no espaço exterior? De que forma as avalia?
<b>Respostas</b>	<p style="text-align: center;"><b>Participante 1</b></p> <p>“Todas as aprendizagens feitas no exterior <b>cumprem as recomendações definidas nas OCEPE</b>. A avaliação é feita através da <b>construção de portfólios de evidências de aprendizagem com fotográficas e pela voz das crianças</b></p> <p style="text-align: center;"><b>Participante 2</b></p> <p>“No exterior as crianças tornam-se mais <b>ativas, interventivas, curiosas, investigativas, cooperantes e mais sociais</b>. É possível <b>observar e registrar as aprendizagens</b> e capacidades que as crianças desenvolvem. A forma como resolvem as situações com que se deparam nestes ambientes educativos, como interagem como grupo e como cooperam.”</p> <p style="text-align: center;"><b>Participante 3</b></p> <p>“As <b>aprendizagens são múltiplas</b>, dado que abrangem <b>todas as áreas</b> de desenvolvimento. É facilmente evidentes as <b>competências motoras, no domínio do corpo e da sua relação com o espaço</b>, mas também na forma como <b>observam e questionam o mundo à sua volta</b>, uma maior <b>sensibilidade para</b> com as <b>questões ambientais e de cidadania</b>. Tornam-se crianças <b>mais ativas</b>, conscientes de si e dos outros e com um nível de <b>autonomia superior</b>, na <b>resolução de problemas</b> e na <b>superação de novos desafios</b>. A forma como se expressam e se tornam <b>competentes no questionamento</b> e na expressão dos seus conhecimentos, são fáceis de avaliar através <b>da observação e da escuta da sua voz e da sua ação</b>.”</p> <p style="text-align: center;"><b>Participante 4</b></p> <p>“Considero que fazem <b>aprendizagens ao nível de todas as áreas do desenvolvimento contempladas pelas OCEPE</b>.”</p> <p style="text-align: center;"><b>Participante 5</b></p> <p>“Aprendizagens como: <b>autocontrolo, autorregulação, gestão emocional, destrezas motoras</b> (trepar, saltar, equilíbrio...), valorização da natureza, <b>criatividade e imaginação</b>. As crianças são avaliadas através das <b>observações</b> da educadora, <b>das narrativas documentadas</b> e os <b>registos fotográficos</b>.”</p>

Na sua maioria, os sujeitos mencionam as Orientações Curriculares como forma de documentar as aprendizagens que as crianças fazem. Além disso, os participantes destacam as múltiplas aprendizagens que as crianças fazem no exterior, tais como, competências motoras, desenvolvimento do domínio do corpo e da relação com o espaço e com os seus pares, autonomia, resolução de problemas e questionamento, destrezas motoras, criatividade, imaginação, entre outras.

No que diz respeito a avaliação, os profissionais destacam que avaliam as crianças a partir dos portefólios, fotografias, observações diárias e narrativas das crianças (Tabela 16).

**Tabela 11:** Categorias e Subcategorias da Pergunta 4

<b>Categoria</b>	<b>Subcategoria</b>	<b>Número de vezes que é mencionado pelos Entrevistados</b>
As aprendizagens	Todas as aprendizagens contempladas pelas OCEPE	4
	Área da Formação Pessoal e Social	4
	Área da Expressão e comunicação	3
	Área do conhecimento do mundo	2
Forma de Avaliação	Fotografias	2
	Narrativas das crianças	4
	Observações	4
	Registos Escritos	1

Verifica-se que na questão número quatro, a nível das aprendizagens, os entrevistados mencionaram quatro vezes que se baseiam nas OCEPE para justificar a sua prática pedagógica. Neste documento os autores afirmam que “documentam momentos e aspetos significativos da vida do grupo ou do processo.” (Silva et al, 2016, p.14). No que diz respeito a área de formação social e pessoal, quatro sujeitos citam que existem diversas aprendizagens no espaço exterior em relação a esta área. Ainda sobre as áreas de formação, na área de expressão e comunicação, três sujeitos citaram esta área e dois entrevistados mencionaram a área de conhecimento do mundo.

Observam-se quatro respostas, quando lhes foi questionado sobre a forma de avaliação, a nível da narrativa das crianças, bem como nas observações. Tal como está explanado nas OCEPE “Os comentários das crianças também fazem parte da documentação da avaliação” (Silva et al, 2016, p.18). A segunda resposta mais frequente foi a fotografia e a resposta menos citada foi o registo escrito.

**Tabela 12:** Análise à Pergunta 5

<b>Bloco</b>	Percurso e escolhas da prática profissional
<b>Pergunta</b>	5. Como podemos organizar o espaço exterior de forma a promover novas aprendizagens?
	<p style="text-align: center;"><b>Participante 1</b></p> <p>“O ambiente exterior em <b>contexto de natureza por si só é promotor de aprendizagens devido á sua riqueza</b>. Em espaços exteriores sem natureza utilizamos sobretudo <b>materiais de fim aberto, cozinhas de lama, materiais que potenciem o desenvolvimento da motricidade grossa.</b>”</p> <p style="text-align: center;"><b>Participante 2</b></p> <p>“Podemos criar espaços onde as crianças <b>possam brincar com terra, areia, água e diferentes elementos da natureza.</b> “</p> <p style="text-align: center;"><b>Participante 3</b></p> <p>“O espaço exterior deve ser um lugar que permita ser <b>explorado de forma livre</b>, com <b>desafios de risco ponderado</b> e que provoque na criança a vontade de agir sobre os espaços e os elementos nele existentes. Não necessita de ser muito estruturado, devendo ter <b>materiais de fim aberto</b>, com múltiplas utilizações</p>

<b>Respostas</b>	<p>e possibilidades exploratórias e simbólicas. Deve ser um espaço o <b>mais natural possível e se possível rico na sua biodiversidade.</b> “</p> <p style="text-align: center;"><b>Participante 4</b></p> <p>“Penso que o espaço exterior deve ser planeado com rigor, de forma a <b>promover desafios, ser estimulante, oferecer oportunidades de risco e conforto.</b> A base da intervenção deve assentar em <b>6 dimensões: funcionalidade e autonomia, conforto e ambiente familiar, respeito pela criança, mudança e flexibilidade, meio de comunicação e valor estético.</b></p> <p style="text-align: center;"><b>Participante 5</b></p> <p>“Dando voz às crianças e com uma grande diversidade de <b>materiais/estruturas que potenciem a brincadeira (materiais naturais, não estruturados e de fim aberto).</b>”</p>
------------------	--

Os participantes nesta questão salientam que o ambiente natural por si só já é um promotor de aprendizagem, dessa forma, frisam que é necessário ter elementos naturais. A título de exemplo, areia, água, árvores, entre outros. A organização deste espaço deve conter materiais de fim aberta, cozinhas de lama, desafios com risco ponderado, materiais naturais e não estruturados (Tabela 18).

**Tabela 13:** Categorias e Subcategorias da Pergunta 5

<b>Categoria</b>	<b>Subcategoria</b>	<b>Número de vezes que é mencionado pelos Entrevistados</b>
Organização do Espaço Exterior (Materiais)	Materiais Naturais	3
	Materiais de Fim Aberto	3
	Cozinha de Lama	1

Verifica-se que nesta questão, sobre a organização do espaço exterior, existiram três sujeitos que afirmam que utilizam materiais naturais e o mesmo número de entrevistados citam que utilizam materiais de fim aberto. Por último, um sujeito cita que utiliza cozinha de lama. Concordantemente, Neto (2020, p.232) afirma que “tornar os espaços exteriores mais desafiantes, atrativos, confortáveis e com design que permita promover o jogo e a atividade física”.

**Tabela 14:** Análise à Pergunta 6

<b>Bloco</b>	Percurso e escolhas da prática profissional
<b>Pergunta</b>	6. Na sua opinião, qual é o potencial do espaço exterior nas aprendizagens da educação pré-escolar?
<b>Respostas</b>	<p style="text-align: center;"><b>Participante 1</b></p> <p>“Os estudos mostram que as crianças até aos 8 anos de idade conseguem absorver melhor as aprendizagens quando estas acontecem no exterior. O exterior também auxilia no <b>desenvolvimento das capacidades de foco e atenção.</b> Por este motivo consideramos que <b>o exterior é parte fundamental do processo de aprendizagem.</b>”</p>

	<p style="text-align: center;"><b>Participante 2</b></p> <p>“O espaço exterior é um <b>espaço educativo de excelência</b> para a <b>promoção de muitas aprendizagens</b>. Como já referi anteriormente as crianças tornam-se <b>mais ativas, interventivas, curiosas, investigativas, cooperantes e mais sociais.</b>”</p> <p style="text-align: center;"><b>Participante 3</b></p> <p>“É voltar a devolver à infância a <b>possibilidade de estar em espaços ao ar livre</b>, com elementos naturais e com a <b>possibilidade de brincar livremente</b>, sem tempos limitados, de forma a permitir às crianças <b>projetarem as suas brincadeiras exploratórias, desenvolverem-nas com os seus pares de brincadeira e experimentarem todas as possibilidades de criar e interagir com a natureza e com os outros.</b>”</p> <p style="text-align: center;"><b>Participante 4</b></p> <p>“O potencial do espaço exterior <b>depende do planeamento do mesmo</b> e do <b>investimento do educador</b>. Ou seja, se o educador o encarar e planear com rigor, ele <b>pode concretizar todo o seu potencial educativo</b> e, assim, ser <b>palco de desenvolvimento e aprendizagens várias, ao nível de todas as áreas.</b> “</p> <p style="text-align: center;"><b>Participante 5</b></p> <p>“O espaço exterior é <b>fundamental para o desenvolvimento integral da criança</b>, potencia as suas <b>capacidades manipulativas</b> e <b>permite um contato diário com um ambiente natural e não estruturado.</b>”</p>
--	--

Mais uma vez os participantes encontram-se de acordo nesta questão, afirmando que o potencial do espaço exterior é fundamental para a promoção de aprendizagens e de brincar livremente, exploração, experimentação, interação, desenvolvimento integral da criança e capacidades manipulatórias (Tabela 20).

**Tabela 15:** Categorias e Subcategorias da Pergunta 6

Categoria	Subcategoria	Número de vezes que é mencionado pelos Entrevistados
Potencial do Espaço Exterior	Promotor de Aprendizagem	4
	Crianças mais ativas	2
	Brincar livremente	2
	Desenvolvimento Integral da Criança	3

Na questão número seis, verifica-se que os entrevistados mencionam quatro vezes que o espaço exterior é um promotor de aprendizagens, dois disseram que as crianças brincam livremente e crianças mais ativas. Corroborando a linha de pensamento, Bilton, Bento & Dias (2017) afirmam que é na Natureza que “surgem múltiplas surpresas e oportunidades de exploração, que enriquecem o brincar da criança” (p.28). Por fim, três entrevistados afirmam que este espaço é onde as crianças se desenvolvem integralmente.

**Tabela 16:** Análise à Pergunta 7

<b>Bloco</b>	Percurso e escolhas da prática profissional
<b>Pergunta</b>	7. Quais são as aprendizagens significativas que as crianças fazem no contexto exterior que não fazem nas salas?
<b>Respostas</b>	<p style="text-align: center;"><b>Participante 1</b></p> <p>“Desenvolvimento da motricidade grossa e fina, estímulo da autonomia, desenvolvimento das capacidades cognitivas, estímulo da capacidade de correr riscos e promove o espírito de equipa.”</p> <p style="text-align: center;"><b>Participante 2</b></p> <p>“O espaço exterior é um espaço rico em experiências, desde que o educador enquanto gestor do currículo o assuma como um lugar proporcionador de desenvolvimento e aprendizagem. <b>Todo o tipo de aprendizagem pode ser feito no contexto exterior.</b> A criança <b>desenvolve imensas competências na área da Formação Pessoal e Social quando coopera com os pares e socializa, na área do Conhecimento do Mundo ao satisfazer a sua curiosidade pelo que a rodeia, questionando, experimentando, observando e na área da Expressão e Comunicação e nos diferentes domínios, quando questiona, comunica, matematiza as situações que vivencia.</b>”</p> <p style="text-align: center;"><b>Participante 3</b></p> <p>“O exterior, por norma é um espaço mais amplo, menos estruturado e com muito <b>mais possibilidades do que as que se apresentam em espaços fechados.</b> É um lugar de <b>maior liberdade e inúmeras interações em movimento,</b> o que em sala não acontece, quer por regras mais apertadas, quer por espaços mais formais. Os adultos tendencialmente deixam o espaço exterior ser um lugar de brincar livre, não interferindo tanto na forma de brincar, nem fazendo tantas propostas dirigidas, <b>deixando à criança o papel de tomar decisões e de assumir mais a sua autoria.</b>”</p> <p style="text-align: center;"><b>Participante 4</b></p> <p>“Penso que fazem <b>aprendizagens a todos os níveis,</b> mas as que se tornam mais <b>significativas e duradouras</b> são as que se <b>relacionam com as ciências naturais</b> como a <b>sensibilidade e atenção aos animais e as plantas,</b> desenvolvimento de <b>consciência ambiental, aquisição de hábitos de vida saudáveis,</b> desenvolvimento de <b>competências sócio emocionais</b> importantes, como: <b>persistência, sensação de superação e sucesso, construção de confiança e autoestima positivas, capacidade de diálogo e argumentação, cooperação e resolução de problemas.</b>”</p> <p style="text-align: center;"><b>Participante 5</b></p> <p>“Contato com o meio natural e <b>sentir a natureza na sua plenitude.</b>”</p>

Nesta questão os sujeitos dispersam nas suas respostas enunciando diversas e diferentes aprendizagens. Citando alguns participantes, as crianças desenvolvem a motricidade grossa e fina, autonomia, capacidades cognitivas, a curiosidade, relacionamento com o ambiente natural, consigo e com os outros, competências socio emocionais, cooperação e resolução de problemas (Tabela 22).

**Tabela 17:** Categoria e Subcategorias da Pergunta 7

<b>Categoria</b>	<b>Subcategoria</b>	<b>Número de vezes que é mencionado pelos Entrevistados</b>
Aprendizagens	Área formação pessoal e social	4
	Área da expressão e comunicação	3
	Área do conhecimento do mundo	2

Verifica-se que os sujeitos indicaram, quatro vezes que se fazem aprendizagens na área de formação pessoal e social, três vezes a área de expressão e comunicação e duas vezes a área de conhecimento do mundo. De acordo com um documento extraordinário da Sociedade Brasileira de Pediatria e do instituto Alana citado por Neto (2020, pp. 155, 156) existem vários benefícios no contexto exterior, tais como:

- promoção do desenvolvimento da criatividade, autoconfiança, cooperação social, resolução de problemas e tomada de decisão.
- Melhoria das funções cognitivas;
- Maior capacidade de aprendizagem na escola;
- Aquisição de valores éticos, empatia humildade e sentimento de pertença

**Tabela 18:** Análise à Pergunta 8

Bloco	Percurso e escolhas da prática profissional
<b>Pergunta</b>	8. Tendo em conta a vossa experiência que sugestões daria para promover um maior contacto e trabalho com o espaço exterior?
<b>Respostas</b>	<p style="text-align: center;"><b>Participante 1</b></p> <p>“A nossa sugestão é que o espaço exterior seja <b>uma extensão da sala de aula</b> e que as crianças possam ter acesso ao espaço de exterior na mesma medida que o fazem na sala de aula. <b>A aprendizagem vai muito além das quatro paredes.</b> O recreio nunca pode ser um local onde as crianças brincam 30 minutos por dia. O recreio deve ser um espaço onde as crianças <b>devem ter acesso ao longo do dia e onde ocorrem parte das aprendizagens.</b> No recreio podemos fazer a <b>hora de conto, o bom dia, atividades artísticas, música, yoga, ciência e muitas outras atividades.</b> “</p> <p style="text-align: center;"><b>Participante 2</b></p> <p>“Tentar <b>criar nos espaços educativos</b> espaços onde as crianças <b>contactem com a natureza</b>, onde possam <b>brincar, sujar, e explorar elementos naturais.</b> Onde possam correr <b>riscos controlados, subindo às árvores, usufruindo de uma oficina com utensílios reais e brincando numa cozinha de lama.</b> Sei que os espaços das escolas muitas vezes não estão pensados desta forma, e algumas famílias ainda não estão recetivas a estas práticas por medo de que se magoem ou porque não querem que se sujem, mas compete ao educador explicar que as crianças beneficiam imenso ao usufruir do espaço exterior.”</p> <p style="text-align: center;"><b>Participante 3</b></p> <p>“Diria para <b>refletirem mais acerca do que deve ser o tempo da infância</b> e que pensassem no tempo em que foram crianças e que memórias gratificantes têm desse tempo. Todos guardamos na memória as brincadeiras de rua, as comidinhas feitas no quintal, as poças de água e as tentativas de subir a muros, árvores e outros desafios que tentávamos dias a fio, quase sempre às escondidas dos adultos. Poder explorar o espaço exterior e <b>superar desafios é criar memórias felizes e permitir às crianças vivências muito gratificantes e que serão sem dúvida muito positivas para o seu desenvolvimento.</b>”</p> <p style="text-align: center;"><b>Participante 4</b></p> <p>“Sugeria que <b>observassem o brincar das crianças ao ar livre</b> e lessem com verdade <b>os ganhos que elas tiram dessas experiências.</b> “</p> <p style="text-align: center;"><b>Participante 5</b></p> <p>“Permitir <b>um maior tempo de contato diário com o exterior.</b> Ter um vasto <b>leque de materiais não estruturados ao alcance das crianças.</b> O espaço deve <b>convidar ao movimento e exploração de forma a enriquecer o tempo de brincar.</b>”</p>

Na última questão, os entrevistados sugeriram algumas práticas que outros profissionais podem adaptar nos seus contextos para que o espaço exterior seja uma extensão da sala de atividades. Assim, sugerem que se deve criar espaços e áreas diferentes no exterior, privilegiar um maior tempo no exterior e dar acesso ao maior leque de materiais e elementos naturais, não estruturados (Tabela 24).

**Tabela 19:** Categoria e Subcategorias da Pergunta 8

<b>Categoria</b>	<b>Subcategoria</b>	<b>Número de vezes que é mencionado pelos Entrevistados</b>
Sugestões Para Promover o Espaço Exterior	Extensão da sala de atividades	2
	Maior acesso ao longo do dia	2
	Naturalizar os espaços	3
	Diversificar materiais não estruturados	3

Verifica-se que em relação a sugestões para promover o espaço exterior mencionaram o mesmo número de vezes, três, a naturalização dos espaços e a diversificação de materiais não estruturados. E por fim, a extensão da sala de atividades e um maior acesso ao longo do dia duas vezes. Concordantemente, citando as OCEPE, os espaços exteriores devem ter a capacidade de “desenvolver diversas formas de interação social e de contacto e exploração de materiais naturais (pedras, folhas, plantas, paus, areia, terra, água, etc...)” (Silva et al, 2016, p.27).

### **2.5.2. Apresentação e análise de dados sobre: Entrevista ao especialista**

Além das entrevistas realizadas às educadoras de infância, existiu a possibilidade de realizar perguntas a um dos especialistas do tema, depois da sua conferência com o tema “Como criar adultos saudáveis”, realizada na Junta de Freguesia das Avenidas Novas em Lisboa no dia 4 de outubro de 2023. A transcrição dessa entrevista pode ser observada no Apêndices 2.

De forma resumida, o especialista ao longo da conferência frisou a importância do espaço exterior e definiu os contributos do mesmo. Afirma que já existem alguns trabalhos e projetos no âmbito da requalificação dos espaços exterior, contudo, ainda existe um longo caminho a percorrer, no que concerne a melhoria destas áreas. O especialista sublinha que a melhor ferramenta para a aprendizagem na infância é o brincar, por esse motivo devemos dar oportunidade às crianças para explorarem livremente os espaços exteriores.

Em relação aos espaços exteriores o sujeito menciona que sejam naturalizados e não sejam plastificados, nem feitos por catálogo. Destaca ainda alguns elementos que o espaço exterior deve ter: hortas, cozinha de lama, elementos naturais, elementos soltos e com atividades de risco moderado. Como contributos no espaço exterior, o entrevistado, menciona que estas áreas desafiam as crianças a terem capacidades criativas e adaptativas, capacidade de resolução de problemas, desenvolvem sentido crítico, desenvolvem criatividade e principalmente o trabalho em equipa, cooperação e na partilha.

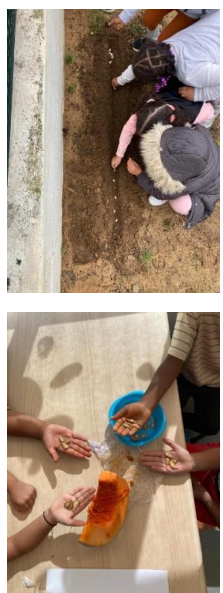
Por fim, o especialista defende que não se aprende só na sala de atividades, mas sim em todos os espaços, pois todos têm inúmeras potencialidades de aprendizagem e permitem às crianças uma assimilação do conhecimento vivido, participado e sentido no que está a aprender.






### 2.5.3. Apresentação e análise de dados sobre: observação e notas de campo

Na prática pedagógica em contexto de Jardim de infância realizou-se um diário de bordo onde espelhei as observações vivenciadas diariamente. Após a realização deste diário, foi elaborada uma tabela onde se compilou algumas das observações referente a investigação (tabela 9).



A presente tabela está organizada primeiramente com o título da atividade, a descrição das observações acompanhada de uma reflexão, seguidamente as transcrições das notas de campo que são narrativas das crianças e por fim o registo fotográfico.

**Tabela 20:** Observações e Notas de Campo

Atividade/Data	Observações	Notas de campo	Registo Fotográfico
<p><b>4 novembro</b></p> <p><b>Semear uma Abobora</b></p>	<p>As crianças mostraram-se interessadas e curiosas com o processo de semear e de cuidar dessa mesma plantação.</p> <p>Observaram e manusearam diferentes tipos de sementes.</p> <p>Através deste processo compreenderam as condições necessárias para a vida das plantas e dos alimentos.</p> <p>As crianças trabalharam em equipa e entreajudaram-se.</p>	<p>“R: A abobora tem muitas sementes”</p> <p>“S: Dentro da abobora tem muitos fios e é mole.”</p> <p>“A: Eu sei, temos que regar para as plantas crescerem.”</p> <p>R:”. Eu posso ajudar? Posso por as sementes?”</p>	

<p><b>24 de novembro</b></p> <p><b>O jogo das palavras</b></p>	<p>Construíram palavras reconhecendo as letras que a compunham.</p> <p>Reconheceram que letras teriam de selecionar para construir a palavra;</p> <p>As crianças mais velhas ajudaram as crianças mais novas.</p> <p>A escrita saiu à rua e ganhou mais sentido junto ao contexto em que cresce o seu significado, lá fora.</p>	<p>R: “Podemos fazer placas para pôr na horta.”</p> <p>L:”. Eu conheço esta letra é um T.”</p> <p>A:” Esta letra é igual a do meu nome”</p> <p>D: “Toma, começa com esta letra.”</p>	
	<p>Desenvolver o gosto e o conhecimento sobre o mundo animal.</p> <p>Observar e contactar com um animal.</p> <p>Analisar a características e necessidades de um caracol;</p>	<p>“Ana encontramos um caracol”</p> <p>“Podemos dar-lhe comida?”</p> <p>“Devemos deixar o caracol aqui fora.”</p>	 
<p><b>Liberdade Motora e Experiências Desafiadoras</b></p>	<p>Diversificar Experiências e desafios permanentes.</p> <p>Incentivar o desenvolvimento motor.</p> <p>Desenvolver crianças felizes e competentes</p>	<p>“Ana, sou mais alta do que tu.”</p> <p>“Aqui em cima consigo ver a árvore”</p> <p>“Eu não tenho medo de subir, vem comigo Y.”</p>	 

<p><b>Casinha de Lama</b></p>	<p>Contacto com elementos naturais.</p> <p>Ampliação de experiências e de sensações.</p> <p>Desenvolver experiências com a terra e com a água e as suas propriedades.</p>	<p>“Estou a fazer lama.”</p> <p>“Isto é a minha cozinha”</p> <p>“Com a água podemos fazer uma pasta.”</p>	 
<p><b>Expressão Artística</b></p>	<p>Desenvolver Capacidade Criativa;</p> <p>Desenvolver ligações entre o corpo, a mente, materiais e a exploração artística.</p> <p>Apreciar diferentes tipos de arte.</p>	<p>“Olha aqui a minha mãe.”</p> <p>“Arminda vou pintar de azul.”</p> <p>“O meu giz partiu-se.”</p>	
<p><b>Expressão Musical</b></p>	<p>Explorações ao nível dos sons.</p> <p>Improvisar sons e ritmos.</p> <p>Manusear materiais de fim aberto.</p> <p>Utilizar recursos Sonoros</p>	<p>“Com esta pá faz mais marulho.”</p> <p>“Isto é uma bateria.”</p> <p>“Vamos fazer uma banda.”</p>	
<p><b>O galinheiro</b></p>	<p>As crianças reconhecem as características e as necessidades das galinhas.</p> <p>Observam as suas características e o modo de vida.</p> <p>Procuraram saber como se formam os ovos.</p>	<p>“Uau já temos dois ovos.”</p> <p>“Como é que os ovos nascem?”</p> <p>“Dentro destes ovos há algum pinto?”</p>	 

<p><b>É Inverno, Vamos a Rua!</b></p>	<p>Mostram-se interessados sobre a explicação sobre o fenómeno da chuva.</p> <p>Experienciam sensações.</p> <p>Observam e vivenciam as poças da chuva, os cheiros e a lama.</p>	<p>“Posso saltar na poça?”</p> <p>“Esta poça é grande.”</p> <p>“A chuva bate na minha cara.”</p>	 
<p><b>Somos um grupo unido.</b></p>	<p>As crianças mostram-se afetivas.</p> <p>Ajudam-se umas às outras.</p> <p>Cuidam dos mais novos.</p> <p>Protegem-se.</p>	<p>“Eu ajudo-te a subir.”</p> <p>“Cuidado ela é mais pequena.”</p> <p>“Não Grites o X está a dormir”</p>	 

Através desta tabela é possível observar as inúmeras atividades e aprendizagens realizadas no espaço exterior. O espaço era enriquecido diariamente pela equipa pedagógica, de acordo com os interesses e necessidades do grupo. Só foi possível esta intervenção no espaço exterior, porque a escola era abraçada por um extenso terreno, onde não existem elementos humanizados. As crianças tinham contacto com os animais, com árvores, com as chuvas, as poças de água, entre outros, e foi a partir de todos estes elementos que as crianças desenvolveram capacidades de observação, de cuidado e respeito pelos animais e por toda a natureza.

Além disso, é visível a interação entre criança-criança e adulto-criança como demonstra as transcrições das narrativas na tabela. Aqui as crianças demonstram o seu sentido crítico e de questionamento, de observação, interajuda e curiosidade para descobrirem o mundo que as rodeia.

#### 2.5.4. Discussão dos resultados

O presente estudo, centra-se nos contributos do espaço exterior essencialmente nas aprendizagens da Educação Pré-escolar. Para esta investigação foi essencial a construção de quatro objetivos gerais, que permitiram estreitar este estudo possibilitando uma resposta mais assertiva as perguntas de partida. Assim sendo, menciono os objetivos deste estudo:

- Perceber de que modo o trabalho no espaço exterior com as crianças promove aprendizagens significativas;
- Compreender e estabelecer a relação entre o papel desempenhado pelo ambiente exterior e pela natureza na aquisição de aprendizagens;
- Analisar o potencial do espaço exterior nas aprendizagens da educação pré-escolar;
- Explorar a perceção dos educadores da educação pré-escolar sobre a importância do ambiente exterior nas suas práticas pedagógicas.

Mediante o exposto, pretende-se apresentar os resultados desta investigação respondendo aos seus objetivos gerais e às perguntas de partida. As conclusões desta investigação, surgem de uma triangulação de dados recolhidos e analisados das observações e vivências durante a prática profissional, das entrevistas a um grupo de educadoras e a uma entrevista a um especialista sobre o presente tema.

A primeira questão orientadora desta investigação é *“De que forma o espaço exterior viabiliza as aprendizagens essenciais na educação pré-escolar?”*. De acordo com os resultados recolhidos e analisados, foi possível aferir que os espaços exteriores são um cenário pedagógico e deve ser uma extensão do contexto educativo. Segundo o especialista entrevistado, o espaço exterior é outra sala de atividades com inúmeras potencialidades de aprendizagem. Em concordância com esta afirmação, a observação permitiu perceber que o espaço exterior é um lugar que permite a exploração de forma livre com desafios e estímulos.

Ainda como resposta a esta questão é importante percebermos que o brincar está inteiramente relacionado com as aprendizagens, pois brincar é a melhor ferramenta para aprender na infância, ou seja, como o especialista refere aprender brincando. As aprendizagens na infância vão muito além de quatro paredes, por essa razão não se aprende só na sala de atividades. O ambiente exterior é parte fundamental do processo de aprendizagem, assim como, é fundamental para o desenvolvimento integral das crianças.

Neste sentido, o educador deve ter um papel de facilitador, observador e mediador para identificar os interesses das crianças, as suas necessidades enquanto grupo e detentor do conhecimento dos mesmos. Desta forma, o adulto deve planejar o espaço, para que este se torne seguro, interessante, apelativo, acolhedor e que provoque ação, pensamento e aprendizagens.

Além disso, os educadores devem ter em conta as recomendações e estratégias definidas nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar e devem permitir um tempo redobrado a estes espaços para que as aprendizagens se tornem significativas. Corroborando a afirmação, o especialista entrevistado, frisa que estes espaços devem ser desafiantes, sedutores e interessantes para as crianças. Continuando na mesma linha de pensamento, o especialista salienta que devemos fazer uma requalificação destes espaços e naturalizá-los.

Com base na recolha de dados desta investigação, entrevistas e observações, conclui-se que é essencial existirem áreas como a casinha de lama, horta, oficinas e elementos naturais tais como, árvores, pedras, águas, terra, entre outros. Deste modo, é fulcral existirem não só elementos naturais, mas também elementos soltos não estruturados e de fim aberto. Por fim, e de acordo com o especialista os espaços exteriores dos jardins de infância não podem ser plastificados ou feitos por catálogo.

Respondendo à segunda questão de investigação, *quais são as aprendizagens que as crianças adquirem no espaço exterior*, é importante revelar que esta resposta se encontra nas áreas de conteúdos das OCEPE. Através dos dados recolhidos e observados, entende-se que as aprendizagens podem ser feitas, também, no contexto exterior, pois este desenvolve imensas competências. Ao nível da área da formação pessoal e social, as crianças cooperam com os seus pares, socializam e tornam-se mais conscientes de si e dos outros. Para além do exposto, as crianças desenvolvem a sua autonomia, autocontrolo, autorregulação, gestão emocional, superação, persistência e autoestima e adquirem competências no domínio cognitivo social e emocional. De acordo com o especialista, as crianças ganham capacidades de resolução de problemas, sentido crítico, saber-pensar, criatividade e, principalmente, a trabalharem em equipa, desta forma, fortalecem as capacidades adaptativas.

Na área da expressão e comunicação, as crianças também adquirem inúmeras aprendizagens em diferentes domínios. Ao nível do domínio motor as crianças tornam-se mais ativas, interventivas, conscientes do seu corpo e da sua relação com o espaço, desenvolvem motricidade grossa e fina. Ainda nesta área, é importante referir que no domínio da comunicação os sujeitos desenvolvem capacidades de diálogo, comunicação, argumentação,

cooperação, matematização das situações vivenciadas e interventivas. Ainda neste domínio o especialista afirma que as crianças aprendem a comunicar umas com as outras, partilhando um saber centrado no saber pensar.

No que diz respeito à área do conhecimento do mundo, as crianças observam e questionam o mundo à sua volta, satisfazem a sua curiosidade pelo que os rodeia, experimentam e observam. É assim que estes sujeitos se tornam sensíveis a questões ambientais, desenvolvem a atenção sobre os animais e as plantas, desenvolvem consciência ambiental e aquisição de hábitos saudáveis e essencialmente tornam-se cidadãos mais reflexivos. De acordo com esta área de conteúdo, o entrevistado afirma que, no espaço exterior, é permitido à criança observar, investigar, refletir, explorar, intervir e pesquisar, pois é assim que a criança consegue ter uma assimilação do conhecimento vivido, participado e sentido do que está a aprender.

Relativamente às notas de campos e ao registo fotográfico retirou-se evidências de muitas das aprendizagens referidas anteriormente. Através destas técnicas ficou evidenciado que as crianças realizaram diversas aprendizagens, nomeadamente, processo de plantar e semear, gosto pelos animais e pelo meio ambiente, desenvolvimento motor, conhecimento das propriedades dos elementos naturais, criatividade, fenómenos naturais, afetividade e cooperação. Foi possível o desenvolvimento de todas estas aprendizagens devido as características do espaço exterior deste jardim de infância. É possível observar tanto nas fotografias como nas notas de campo as diversas áreas deste espaço, a título de exemplo, cozinha de lama, horta pedagógica, animais e inúmeros elementos de fim aberto. Todos estes recursos potencializaram e evidenciaram as aprendizagens.

Em suma, tendo em conta as observações realizadas em contexto de estágio e as entrevistas elaboradas, existe uma interseção de factos relacionados com o trabalho desenvolvido no jardim de infância, nas escolas e principalmente no espaço exterior. Destes destaca-se que o trabalho deve ser horizontal e transversal onde surgem temas e projetos que englobam todas as áreas de conteúdo para que a criança consiga aprender de forma inteligente e com significado. Assim, conclui-se, que foram respondidas as duas perguntas de partida, bem como, dado resposta aos objetivos de investigação.

## Considerações Finais

A presente investigação teve como base as seguintes perguntas de partida: *De que forma o espaço exterior viabiliza as aprendizagens essenciais na educação pré-escolar? e quais são as aprendizagens que as crianças adquirem no espaço exterior?* O passo seguinte, depois de encontradas as questões problemáticas, foi elaborar os objetivos deste estudo. Foi a partir destes alicerces que a investigação começou a ganhar estrutura e forma. Para recolher informação sobre este tema foram elaboradas entrevistas e feitas observações diárias no terreno. Após a fundamentação teórica, iniciou-se a recolha de dados e finalmente a análise dos mesmos, onde foi possível interpretar que o contexto exterior é sem dúvida um espaço bastante valorizado pelos intervenientes e que é neste que as crianças realizam as suas maiores e mais significativas aprendizagens. É no exterior que a criança se desenvolve de uma forma holística. Potencializando todas as suas habilidades, mas também é aqui que a criança é desafiada a superar os seus medos e adquirir conhecimentos sobre o mundo que a rodeia.

Como recomendação, propõem-se que esta investigação se poderia ampliar a outras valências do ensino, nomeadamente em contexto de 1.º ciclo, tendo como base as aprendizagens essenciais. Utilizando o diário de bordo e as fotografias como ferramentas para o registo das aprendizagens, das observações e das descobertas elaboradas em contexto de exterior.

Houve a necessidade de refletir aprofundadamente durante os estágios da prática pedagógica bem como após a sua finalização para realizar a presente investigação. A prática incidia sempre em tarefas abertas, permitindo às crianças explorar, testar e experimentar, desenvolvendo as suas próprias aprendizagens. No entanto, este facto nem sempre foi notório, pois no início da prática pedagógica a ideologia perante o grupo era diferente. Com isto, é necessário, nos primeiros tempos, observar o grupo de crianças com o intuito de perceber qual o interesse delas, e a partir desta “descoberta” conseguir então implementar a metodologia por projeto, nomeadamente, de acordo com as Orientações Curriculares “É a partir dessa observação, e da escuta das opiniões e sugestões das crianças e de outros elementos da equipa pedagógica, que a organização do ambiente educativo vai sendo melhorada e ajustada”. (Silva, Marques, Mata, & Rosa, 2016, p. 17).

Em adição à metodologia de trabalho por projeto nunca podemos esquecer o ciclo de avaliação, a partir do qual é possível a ilação de conclusões. De acordo com a metodologia por projeto, cada uma das crianças deve ser vista como única e individual, pelo que se passou a flexibilizar e a adequar a prática a cada uma daquelas crianças.

Em suma, este estágio revelou-se uma experiência pessoal riquíssima, por todo o envolvimento e por todas as experiências que foram possíveis vivenciar. Como estagiárias, devemos ser parte fundamental deste projeto, uma vez que as crianças nos procuraram para esclarecer dúvidas. É fundamental, sentirmos uma enorme cumplicidade com as cooperantes e com as restantes intervenientes da ação educativa. Todo o grupo, desde as crianças às educadoras mostraram-se envolvidas e entusiasmadas, para além de dispostas a ajudar, fazendo-nos crescer enquanto pessoas e futuras profissionais. Não se pode deixar de referir o quão gratos devemos ser a estas crianças, que com a sua simplicidade e autenticidade características da idade, nos fazem gostar e apreciar a profissão que escolhemos para o futuro. Experiências como estas são imprescindíveis para nos mostrar, que é possível trabalhar, de forma a criar crianças felizes e realizadas.

Finalmente, é importante refletir sobre as limitações deste ensaio investigativo. Uma das limitações que se destaca é a inexperiência como investigadora, a realização de entrevistas e a sua análise, foi algo desafiante. Nomeadamente a escolha em relação a apresentação dos dados e posteriormente a sua análise. Além disso, considera-se que inicialmente o olhar de observador era mais imatura em relação às aprendizagens e potencialidades do espaço exterior. Ao longo da prática refletiu-se com a educadora cooperante, com colegas de estágio, com a professora orientadora e consultou-se diversas bibliografias sobre o tema, o que aprimorou este sentido de uma educadora reflexiva e investigadora, em contexto de exterior.

Caso este estudo fosse realizado novamente envolver-se-ia as famílias na recolha de dados, isto é, questionava-se as famílias sobre o seu olhar em relação as potencialidades do espaço exterior, e como tudo isto desenvolve as crianças de forma harmoniosa e feliz.

Por fim, ao realizar-se a prática investigativa percebeu-se que uma educadora deve ser um profissional baseado numa prática reflexiva e observadora. Uma prática humilde onde coloca-se na disposição de aprender e evoluir com e para as crianças. Além disso, os educadores devem privilegiar o contacto com o espaço exterior, no qual as crianças iram beneficiar e desenvolver-se de uma forma holística.

## Bibliografia

- Almeida, L., & Freire, T. (2008). *Metodologia da investigação em psicologia e educação*. Psiquilibrios.
- Alonso, M., & Roldão, M. (2005). *Ser professor do 1.º ciclo: Construindo a Profissão*. Almedina.
- Amado, J. (2013). *Manual de Investigação Qualitativa em Educação*. Universidade de Coimbra.
- Barbosa, A. C. P. de (2012). *A Relação e a Comunicação Interpessoais entre o Supervisor Pedagógico e o Aluno Estagiário* [Dissertação de Mestrado, Escola Superior de Educação João de Deus]. Repositório Comum <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/2472/1/AnaMariaBarbosa.pdf>
- Bilton, H., Bento, G., & Dias, G. (2017). *Brincar ao Ar Livre - Oportunidades de desenvolvimento e de aprendizagem fora de portas*. Porto Editora.
- Bogdean, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação*. Porto Editora.
- Chard, S., & Katz, L. (1997). *Abordagem de Projecto na Educação de Infância*. Fundação Calouste Gulbenkian.
- Correia, D. (2016). *A aprendizagem em grupos de idades mistas na Educação Pré-Escolar* [Tese de Doutoramento não publicada, Universidade de Évora, Évora]. <https://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/18580/1/Relat%20do%20Pr%20a%20altica%20de%20Ensino%20Supervisionada%20em%20Educa%20a%20a%203o%20Pr%20a%20a9-escolar%20-%20Aprendizagem%20em%20Grupos%20de%20Idades%20Mistas%20na%20Educa%20a%20a%203o.pdf>
- Decreto-Lei n.º 147/97. (11 de junho de 1997). Ministério da Educação n.º 133/1997, Série I-A de <https://dre.tretas.org/dre/82550/decreto-lei-147-97-de-11-de-junho>
- Decreto-Lei n.º 379/97. (27 de dezembro de 1997). Diário da República n.º 298/1997, Série I-A de <https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/decreto-lei/379-1997-421028>
- Despacho Conjunto n.º 268/97. (25 de agosto de 1997). Diário da República n.º 195/97, Série II. pp. 10411-10416. Obtido em maio de 2022, de <https://www.seg->

[social.pt/documents/10152/85990/Desp\\_conj\\_268\\_97.pdf/34d0f3f3-4405-4124-b2c4-033f9827d6f8](https://social.pt/documents/10152/85990/Desp_conj_268_97.pdf/34d0f3f3-4405-4124-b2c4-033f9827d6f8)

- Dias, G. (2021, janeiro/abril). Descomplicar o espaço exterior. *Caderno de Educação de Infância*, 16-18.
- Ferreira, M., & Carmo, H. (1998). *Metodologia da Educação*. Universidade Aberta.
- Formosinho, J. (2001). *A supervisão na Formação de professores II. Da organização à Pessoa*. Porto Editora.
- Guedes, M. (2021). A Agenda Semanal no pré-escolar: Um instrumento facilitado do trabalho social de aprender. *Revista Escola Moderna*, (9), 49-56.
- Hanscom, A. J. (2018). *Descalços e Felizes*. Livros Horizonte.
- Hilton, H., Bento, G., & Dias, G. (2017). *Brincar ao ar livre*. Porto Editora.
- Hora, M., & Barbosa, M. (2022). *Abrindo as portas da escola infantil – viver e aprender nos espaços externos*. Penso.
- L'Ecuyer, C. (2017). *Educar na Curiosidade*. Grupo Planeta.
- L'Ecuyer, C. (2016). *Educar na Realidade*. Grupo Planeta.
- Kramer, S., Leite, M., Nunes, M., & Guimarães, D. (2012). *Infância e Educação Infantil*. Papyrus.
- Minayo, M., & Sanches, O. (1993). Quantitativo-Qualitativo: Oposição ou Complementaridade? *Caderno Saúde Pública*, 9(3), 239-262. <https://www.scielo.br/j/csp/a/Bgpmz7T7cNv8K9Hg4J9fJDb/?format=pdf&lang=pt>.
- Neto, C. (2020). *Libertem as crianças A urgência de brincar e ser ativo*. Contraponto
- Neto, C., & Lopes, F. (2018). *Brincar em todo o lado*. Câmara municipal de Cascais.
- Oliveira-Formosinho, J., Formosinho, J., Lino, D. M., & Niza, S. (2013). *Modelos Curriculares para a Educação de Infância. Construindo uma práxis de participação* (4ª ed.). Porto Editora.
- Portugal, G., & Laevers, F. (1998). *Avaliação em Educação Pré-Escolar. Sistema de Acompanhamento das crianças*. Porto Editora.

- Portugal, G. & Bento, G. (2016). Valorizando o espaço exterior e inovando práticas pedagógicas em educação de infância. *Revista Iberoamericana de Educación*, 72, 85-104. <https://rieoei.org/historico/documentos/rie72a04.pdf>
- Post, J. & Hohmann, M. (2007). *Educar a Criança*. Fundação Calouste Gulbenkian.
- Santos, J. (2015). *Fertilização, Fundamentos agroambientais da utilização dos adubos e corretivos*. Publindústria.
- Santos, F., & Nogueira, M. (2023). *Trabalho final de Mestrado – Antes, durante e depois*. Almedina.
- Sousa, A (2005). *Investigação em Educação*. Livros Horizonte.
- Siegel, D., & Bryson, T. (2012). *The Whole-Brain Child*. Brown Book Group.
- Silva, I. L. da, Marques, L., Mata, L., & Rosa, M. (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Ministério da Educação/Direção – Geral da Educação. [http://www.dge.mec.pt/ocepe/sites/default/files/Orientacoes\\_Curriculares.pdf](http://www.dge.mec.pt/ocepe/sites/default/files/Orientacoes_Curriculares.pdf)
- Silva, H., & Lopes, J. (2014). O professor faz a diferença no desempenho escolar dos seus alunos - O que nos diz a investigação educativa. *Revista Eletrónica de Educação e Psicologia*, (2), 62-81. [O professor faz a diferença no desempenho escolar dos seus alunos.pdf \(utad.pt\)](#).
- Ventura, M., & Mestre, A. (2021, janeiro/abril). Brincar na natureza: um olhar sobre a educação pré-escolar em meio urbano. *Caderno de Educação de Infância*, 3-9.
- Veloso, L, Sebastião, J., Marques, J., & Duarte, A. (2015). *Espaço e aprendizagem. Política Educativa e renovação de edifícios escolares*. Edições Almedina.
- Vilelas, J (2009). *Investigação o Processo de Construção do conhecimento*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Zabalza, M. (1987). *Qualidade em Educação infantil*. Artmed.

# Apêndices

## Apêndice 1

### Participante nº1

**Tabela 21:** Entrevista Participante 1

Bloco	Questão	Resposta
Legitimação da entrevista	Realizar uma breve explicação sobre a investigação; Mencionar os objetivos da entrevista; Pedido de autorização para a gravação da entrevista;	
Percurso da instituição	Qual é a instituição onde trabalha? Onde se localiza? Há quanto tempo existe? Qual é a sua missão?  Qual é a metodologia utilizada na instituição?	“Associação Uma Escola na Floresta” “Ourém” “Este é o terceiro ano de funcionamento.” “A nossa missão é apoiar a integração social e comunitária de crianças, jovens e famílias através de uma <b>abordagem holística integrada na natureza</b> ” “Forest School, Play Based Learning, Metodologia de trabalho de projeto.”
Percurso e escolhas da prática profissional	Implementam atividades no espaço exterior? Que tipo de atividades? Qual o papel do educador no espaço exterior junto das crianças?  Nas planificações e nas práticas pedagógicas, quanto tempo dedica ao trabalho no exterior? Quais são as aprendizagens que as crianças fazem com as atividades no espaço exterior? De que forma as avalia  Como podemos organizar o espaço exterior de forma a promover novas aprendizagens?	“70% a 90% do tempo é passado no exterior e por este motivo todas as atividades pedagógicas são implementadas no exterior.” “Na escola da floresta <b>o adulto é facilitador</b> das aprendizagens. Quando a criança demonstra interesse por um tópico cabe ao adulto facilitar-lhe as técnicas para concretizar o projeto.” “ <b>70 a 90% do nosso tempo é no exterior</b> ”. “Todas as aprendizagens feitas no exterior cumprem as recomendações definidas nas OCEPE. A avaliação é feita através da construção de portfólios de evidências de aprendizagem com fotográficas e pela voz das crianças” “O ambiente exterior em contexto de natureza por si só é promotor de aprendizagens devido á sua riqueza. Em espaços exteriores sem natureza utilizamos sobretudo materiais de fim aberto, cozinhas de lama, materiais que potenciem o desenvolvimento da motricidade grossa.”
Importância do espaço exterior e da natureza nas aprendizagens	Na sua opinião, qual é o potencial do espaço exterior nas aprendizagens da educação pré-escolar?	“Os estudos mostram que as crianças até aos 8 anos de idade conseguem absorver melhor as aprendizagens quando estas acontecem no exterior. O exterior também auxilia no <b>desenvolvimento das capacidades de foco e atenção</b> . Por este motivo consideramos que o exterior é parte fundamental do processo de aprendizagem.”

Bloco	Questão	Resposta
	<p>Quais são as aprendizagens significativas que as crianças fazem no contexto exterior que não fazem nas salas?</p> <p>Tendo em conta a vossa experiência que sugestões daria para promover um maior contacto e trabalho com o espaço exterior?</p>	<p><b>“Desenvolvimento da motricidade grossa e fina, estímulo da autonomia, desenvolvimento das capacidades cognitivas,</b> estímulo da capacidade de correr riscos e <b>promove o espírito de equipa.”</b></p> <p>“A nossa sugestão é que o espaço exterior seja uma extensão da sala de aula e que as crianças possam ter acesso ao espaço de exterior na mesma medida que o fazem na sala de aula. A aprendizagem vai muito além das quatro paredes. O recreio nunca pode ser um local onde as crianças brincam 30 minutos por dia. O recreio deve ser um espaço onde as crianças devem ter acesso ao longo do dia e onde ocorrem parte das aprendizagens. No recreio podemos fazer a hora de conto, o bom dia, atividades artísticas, música, yoga, ciência e muitas outras atividades. “</p>
Conclusão	Agradecer a colaboração	

## Participante nº 2

**Tabela 22:** Entrevista ao Participante 2

Bloco	Questão	Resposta
Legitimação da entrevista	<p>Realizar uma breve explicação sobre a investigação;</p> <p>Mencionar os objetivos da entrevista;</p> <p>Pedido de autorização para a gravação da entrevista.</p>	
Percurso da instituição	<p>Qual é a instituição onde trabalha?</p> <p>Onde se localiza?</p> <p>Há quanto tempo existe?</p> <p>Qual é a sua missão?</p> <p>Qual é a metodologia utilizada na instituição?</p>	<p>“Agrupamento de Escolas da Trafaria – Escola Cremilde e Norvinda</p> <p>Trafaria</p> <p>14 anos”</p> <p>“Sou educadora de Infância e tenho como missão proporcionar um ambiente pedagógico potenciador de aprendizagens.”</p> <p>“A metodologia que utilizo é bastante eclética, uma vez que vou “beber” um pouquinho a algumas metodologias, as partes com que me identifico e que me fazem sentido. Modelo High/Scope, Movimento da Escola Moderna e outros. Considero que utilizo uma metodologia ativa.”</p>
Percurso e escolhas da prática profissional	<p>Implementam atividades no espaço exterior?</p> <p>Que tipo de atividades?</p>	<p>“Sim, utilizamos bastante o espaço exterior. A escola é rodeada por uma mata, e nesse espaço fazemos atividades de exploração livre e algumas orientadas. Observa-se a natureza, a biodiversidade, desenvolvem-se projetos de intervenção, nomeadamente ações de proteção e prevenção contra a poluição.</p> <p>Também no espaço do recreio da escola, construímos uma cozinha de lama, uma oficina e um espaço da música, onde as crianças desenvolvem as suas atividades, com lama, com</p>

Bloco	Questão	Resposta
	<p>Qual o papel do educador no espaço exterior junto das crianças?</p> <p>Nas planificações e nas práticas pedagógicas, quanto tempo dedica ao trabalho no exterior?</p> <p>Quais são as aprendizagens que as crianças fazem com as atividades no espaço exterior? De que forma as avalia?</p> <p>Como podemos organizar o espaço exterior de forma a promover novas aprendizagens?</p>	<p>ferramentas verdadeiras e exploram livremente os sons.”</p> <p>“O papel do educador no espaço exterior é um papel de observador, de apoio e de mediador ao identificar interesses e/ou necessidades atuando naturalmente, ampliando as experiências das crianças.”</p> <p>“Nas planificações priorizo cada vez mais as práticas outgoig. Portanto uma grande fatia do tempo é usada no exterior.”</p> <p>“No exterior as crianças tornam-se mais ativas, interventivas, curiosas, investigativas, cooperantes e mais sociais.</p> <p>É possível observar e registar as aprendizagens e capacidades que as crianças desenvolvem. A forma como resolvem as situações com que se deparam nestes ambientes educativos, como interagem como grupo e como cooperam.”</p> <p>“Podemos criar espaços onde as crianças possam brincar com terra, areia, água e diferentes elementos da natureza. “</p>
<p>Importância do espaço exterior e da natureza nas aprendizagens</p>	<p>Na sua opinião, qual é o potencial do espaço exterior nas aprendizagens da educação pré-escolar?</p> <p>Quais são as aprendizagens significativas que as crianças fazem no contexto exterior que não fazem nas salas?</p> <p>Tendo em conta a vossa experiência que sugestões daria para promover um maior contacto e trabalho com o espaço exterior?</p>	<p>“O espaço exterior é um espaço educativo de excelência para a promoção de muitas aprendizagens. Como já referi anteriormente as crianças tornam-se mais ativas, interventivas, curiosas, investigativas, cooperantes e mais sociais.”</p> <p>“O espaço exterior é um espaço rico em experiências, desde que o educador enquanto gestor do currículo o assuma como um lugar proporcionador de desenvolvimento e aprendizagem. Todo o tipo de aprendizagem pode ser feito no contexto exterior. A criança desenvolve imensas competências na área da Formação Pessoal e Social quando coopera com os pares e socializa, na área do Conhecimento do Mundo ao satisfazer a sua curiosidade pelo que a rodeia, questionando, experimentando, observando e na área da Expressão e Comunicação e nos diferentes domínios, quando questiona, comunica, matematiza as situações que vivencia.”</p> <p>“Tentar criar nos espaços educativos espaços onde as crianças contactem com a natureza, onde possam brincar, sujar, e explorar elementos naturais. Onde possam correr riscos controlados, subindo às árvores, usufruindo de uma oficina com utensílios reais e brincando numa cozinha de lama.</p> <p>Sei que os espaços das escolas muitas vezes não estão pensados desta forma, e algumas famílias ainda não estão recetivas a estas práticas por medo que se magoem ou porque não querem que se sujem, mas compete ao educador explicar que as crianças beneficiam imenso ao usufruir do espaço exterior.”</p>
<p>Conclusão</p>	<p>Agradecer a colaboração</p>	

### Participante nº 3

**Tabela 23:** Entrevista ao Participante 3

Bloco	Questão	Resposta
Legitimação da entrevista	Realizar uma breve explicação sobre a investigação; Mencionar os objetivos da entrevista; Pedido de autorização para a gravação da entrevista.	
Percurso da instituição	Qual é a instituição onde trabalha? Onde se localiza? Há quanto tempo existe? Qual é a sua missão? Qual é a metodologia utilizada na instituição?	Agrupamento de Escolas Professor Ruy Luís Gomes, na EB nº 1 do Laranjeiro Laranjeiro Há mais de 40 anos “A missão da escola é conduzir o ensino e a aprendizagem de forma que todos os alunos se sintam incluídos e motivados a participar no seu processo de aprendizagem”
Percurso e escolhas da prática profissional	Implementam atividades no espaço exterior? Que tipo de atividades?  Qual o papel do educador no espaço exterior junto das crianças?  Nas planificações e nas práticas pedagógicas, quanto tempo dedica ao trabalho no exterior?  Quais são as aprendizagens que as crianças fazem com as atividades no espaço exterior? De que forma as avalia?  Como podemos organizar o espaço exterior de forma a promover novas aprendizagens?	“O espaço exterior é assumido como cenário pedagógico, num alargamento do contexto educativo, para além das paredes da sala. Assim, diversificam-se as atividades de exterior, indo muito além das atividades motoras, passando a considerar-se um espaço potenciador das relações, logo de todas as oportunidades de aprendizagem, sejam no domínio cognitivo, social, emocional”  “O mesmo que em sala de referência do grupo, o mediador e facilitador da aprendizagem, detentor do conhecimento dos interesses e necessidades de cada criança e do grupo em geral, internacionalizando os contextos de aprendizagem e sustentando os processos.”  “O tempo superior ao do espaço de sala. Numa rotina normal de 40 horas semanais, as crianças têm de forma flexível, um planeamento que prevê 15 horas em sala e 20 horas em espaço exterior.”  “As aprendizagens são múltiplas, dado que abrangem todas as áreas de desenvolvimento. É facilmente evidentes as competências motoras, no domínio do corpo e da sua relação com o espaço, mas também na forma como observam e questionam o mundo à sua volta, uma maior sensibilidade para com as questões ambientais e de cidadania. Tornam-se crianças mais ativas, conscientes de si e dos outros e com um nível de autonomia superior, na resolução de problemas e na superação de novos desafios. A forma como se expressam e se tornam competentes no questionamento e na expressão dos seus conhecimentos, são fáceis de avaliar através da observação e da escuta da sua voz e da sua ação.”  “O espaço exterior deve ser um lugar que permita ser explorado de forma livre, com desafios de risco ponderado e que provoque na criança a vontade de

Bloco	Questão	Resposta
		agir sobre os espaços e os elementos nele existentes. Não necessita de ser muito estruturado, devendo ter materiais de fim aberto, com múltiplas utilizações e possibilidades exploratórias e simbólicas. Deve ser um espaço o mais natural possível e se possível rico na sua biodiversidade. “
Importância do espaço exterior e da natureza nas aprendizagens	<p>Na sua opinião, qual é o potencial do espaço exterior nas aprendizagens da educação pré-escolar?</p> <p>Quais são as aprendizagens significativas que as crianças fazem no contexto exterior que não fazem nas salas?</p> <p>Tendo em conta a vossa experiência que sugestões daria para promover um maior contacto e trabalho com o espaço exterior?</p>	<p>“É voltar a devolver à infância a possibilidade de estar em espaços ao ar livre, com elementos naturais e com a possibilidade de brincar livremente, sem tempos limitados, de forma a permitir às crianças projetarem as suas brincadeiras exploratórias, desenvolverem-nas com os seus pares de brincadeira e experimentarem todas as possibilidades de criar e interagir com a natureza e com os outros.”</p> <p>“O exterior, por norma é um espaço mais amplo, menos estruturado e com muito mais possibilidades do que as que se apresentam em espaços fechados. É um lugar de maior liberdade e inúmeras interações em movimento, o que em sala não acontece, quer por regras mais apertadas, quer por espaços mais formais. Os adultos tendencialmente deixam o espaço exterior ser um lugar de brincar livre, não interferindo tanto na forma de brincar, nem fazendo tantas propostas dirigidas, deixando à criança o papel de tomar decisões e de assumir mais a sua autoria.”</p> <p>“Diria para refletirem mais acerca do que deve ser o tempo da infância e que pensassem no tempo em que foram crianças e que memórias gratificantes têm desse tempo. Todos guardamos na memória as brincadeiras de rua, as comidinhas feitas no quintal, as poças de água e as tentativas de subir a muros, árvores e outros desafios que tentávamos dias a fio, quase sempre às escondidas dos adultos. Poder explorar o espaço exterior e superar desafios é criar memórias felizes e permitir às crianças vivências muito gratificantes e que serão sem dúvida muito positivas para o seu desenvolvimento.”</p>
Conclusão	Agradecer a colaboração	

#### **Participante nº 4**

**Tabela 24:** Entrevista ao Participante 4

Bloco	Questão	Resposta
Legitimação da entrevista	<p>Realizar uma breve explicação sobre a investigação;</p> <p>Mencionar os objetivos da entrevista;</p>	

Bloco	Questão	Resposta
	Pedido de autorização para a gravação da entrevista.	
Percurso da instituição	Qual é a instituição onde trabalha? Onde se localiza? Há quanto tempo existe?  Qual é a sua missão? Qual é a metodologia utilizada na instituição?	Por motivos éticos não vamos identificar  Lisboa 20 anos  “Não estava definida até há 1 ano, atualmente está a tentar enveredar por abordagens em aprendizagens não formais, valorizando o brincar”
Percurso e escolhas da prática profissional	Implementam atividades no espaço exterior? Que tipo de atividades?  Qual o papel do educador no espaço exterior junto das crianças? Nas planificações e nas práticas pedagógicas, quanto tempo dedica ao trabalho no exterior?  Quais são as aprendizagens que as crianças fazem com as atividades no espaço exterior? De que forma as avalia?  Como podemos organizar o espaço exterior de forma a promover novas aprendizagens?	“A instituição tem cada vez valorizado mais o espaço exterior e a equipa recebeu formação na área dos projetos ao ar livre. Desta forma, construíram-se algumas estruturas de brincar (ex.: baloiços, estruturas de equilíbrio, túneis, caixa de areia e peças soltas. Nestes espaços as crianças brincam livremente.”  “Um papel educativo.”  “Na sala do pré-escolar, o tempo passado ao ar livre lá fora é superior ao da creche. No caso da pré as crianças passam mais tempo no exterior do que no interior, uma vez que a educadora encara este espaço como educador.”  “Considero que fazem aprendizagens ao nível de todas as áreas do desenvolvimento contempladas pelas OCEPE.”  “Penso que o espaço exterior deve ser planeado com rigor, de forma a promover desafios, ser estimulante, oferecer oportunidades de risco e conforto. A base da intervenção deve assentar em 6 dimensões: funcionalidade e autonomia, conforto e ambiente familiar, respeito pela criança, mudança e flexibilidade, meio de comunicação e valor estético.”
Importância do espaço exterior e da natureza nas aprendizagens	Na sua opinião, qual é o potencial do espaço exterior nas aprendizagens da educação pré-escolar?  Quais são as aprendizagens significativas que as crianças fazem no contexto exterior que não fazem nas salas?	“O potencial do espaço exterior depende do planeamento do mesmo e do investimento do educador. Ou seja, se o educador o encarar e planejar com rigor, ele pode concretizar todo o seu potencial educativo e, assim, ser palco de desenvolvimento e aprendizagens várias, ao nível de todas as áreas.”  “Penso que fazem aprendizagens a todos os níveis, mas as que se tornam mais significativas e duradouras são as que se relacionam com as ciências naturais como a sensibilidade e atenção aos animais e as plantas, desenvolvimento de consciência ambiental, aquisição de hábitos de vida saudáveis, desenvolvimento de competências sócio emocionais importantes, como: persistência, sensação de superação e sucesso, construção de confiança e autoestima positivas, capacidade de diálogo e argumentação, cooperação e resolução de problemas.”

Bloco	Questão	Resposta
	Tendo em conta a vossa experiência que sugestões daria para promover um maior contacto e trabalho com o espaço exterior?	“Sugeria que observassem o brincar das crianças ao ar livre e lessem com verdade os ganhos que elas tiram dessas experiências.”
Conclusão	Agradecer a colaboração	

## Participante nº 5

**Tabela 25:** Entrevista ao Participante 5

Bloco	Questão	Resposta
Legitimação da entrevista	Realizar uma breve explicação sobre a investigação; Mencionar os objetivos da entrevista; Pedido de autorização para a gravação da entrevista;	
Percurso da instituição	Qual é a instituição onde trabalha? Onde se localiza? Há quanto tempo existe? Qual é a sua missão? Qual é a metodologia utilizada na instituição?	“Agrupamento de Escolas Miradouro de Alfazina Monte da Caparica, Almada Desde 2001. Há 22 anos. “Construir pontes, alargar horizontes” “Não utiliza uma metodologia específica. Cada docente tem a liberdade de utilizar a que mais se identifica.”
Percurso e escolhas da prática profissional	Implementam atividades no espaço exterior? Que tipo de atividades?  Qual o papel do educador no espaço exterior junto das crianças?  Nas planificações e nas práticas pedagógicas, quanto tempo dedica ao trabalho no exterior?  Quais são as aprendizagens que as crianças fazem com as atividades no espaço exterior? De que forma as avalia?  Como podemos organizar o espaço exterior de forma a promover novas aprendizagens?	“Sim. Exploração livre do espaço, utilização de materiais naturais, passeios pela comunidade envolvente e realização de atividades motoras.” “O educador tem um papel de observador e mediador. Planeia um espaço acolhedor, seguro e apelativo e provoca o pensamento e a ação.” “Uma vez que o espaço exterior é partilhado com outros ciclos de ensino. Conseguimos usufruir do espaço entre 1h a 1h30m diariamente.” “Aprendizagens como: autocontrolo, autorregulação, gestão emocional, destrezas motoras (trepar, saltar, equilíbrio...), valorização da natureza, criatividade e imaginação. As crianças são avaliadas através das observações da educadora, das narrativas documentadas e os registos fotográficos.” “Dando voz às crianças e com uma grande diversidade de materiais/estruturas que potenciem a brincadeira (materiais naturais, não estruturados e de fim aberto).”
Importância do espaço exterior e da natureza nas aprendizagens	Na sua opinião, qual é o potencial do espaço exterior nas aprendizagens da educação pré-escolar?  Quais são as aprendizagens significativas que as crianças fazem no contexto exterior que não fazem nas salas?  Tendo em conta a vossa experiência que sugestões daria para promover um maior	“O espaço exterior é fundamental para o desenvolvimento integral da criança, potencia as suas capacidades manipulativas e permite um contato diário com um ambiente natural e não estruturado.” “Contato com o meio natural e sentir a natureza na sua plenitude.” “Permitir um maior tempo de contato diário com o exterior. Ter um vasto leque de materiais não estruturados ao alcance das crianças.

	contacto e trabalho com o espaço exterior?	O espaço deve convidar ao movimento e exploração de forma a enriquecer o tempo de brincar.”
Conclusão	Agradecer a colaboração	

## Apêndice 2

### Entrevista ao especialista

**Investigadora:** “Boa tarde, estou aqui porque me encontro a realizar o meu relatório final de mestrado onde o principal objetivo é analisar os contributos do espaço exterior nas aprendizagens do pré-escolar.”

**Especialista:** “Trabalhou em que espaços?”

**Investigadora:** “Duas escolas públicas no concelho de Almada. E para a minha investigação recorri em entrevistas em instituições como: Escola na Floresta, Ser Natureza, entre outras com metodologias no exterior.”

**Especialista:** “O seu mestrado é em que área?”

**Investigadora:** “Educação Pré-Escolar e 1º Ciclo do ensino básico. “

**Especialista:** “Esta a fazer o seu Curso em que faculdade?”

**Investigadora:** “Instituto Piaget em Almada.”

**Especialista:** “Boa e já está feita a tese?”

**Investigadora:** “Estou a finalizar, e é por esse motivo que vim procurar o seu contributo para a minha investigação.”

**Especialista:** “Faça a sua pergunta.”

**Investigadora:** “Durante a sua conferencia, respondeu a muitas das minhas questões, mas de uma forma geral: Quais as estratégias que os profissionais devem implementar para promover e potencializar o espaço exterior?”

**Especialista:** “Em primeiro lugar, muitos parabéns pelo seu trabalho porque é fundamental que tenhamos mais investigações sobre este tema. E em segundo lugar dizer que nós já estamos a fazer algumas experiências muito interessantes em alguns concelhos, como é Cascais, Torres Vedras, Casa da Serra, Oeiras, temos já muitas e boas experiências. Agora de facto **nós precisamos de melhorar isto, ainda há muita coisa para fazer** e dizer que os **espaços exteriores não podem ser de facto plastificados, não podem ser feitos por catálogo, não**

podem ser feitos por aquelas empresas que tem tudo determinado mas sim um espaço que seja **desafiante, seja sedutor, seja interessante para a criança**, um espaço que **tenha elementos naturais, elementos soltos elementos que desafiam a criança a ter capacidade criativa, capacidade adaptativa** e não apenas o baloiço e o escorrega, que isso é uma figura que tem 200 anos. E para além disso, que o espaço não seja só para brincar no sentido clássico, mas que **seja para aprender brincando**. Isto é, a brincar podemos aprender e por isso o espaço **exterior tem de ter esses elementos** que estava a falar: **a horta, ter a cozinha de lama, ter pedras, ter arvores, ter água, ter atividades de risco**. Tudo isto, são ingredientes que todo o mundo está a analisar e a evoluir nesta matéria, estou a falar de países nórdicos que já tem vários estudos práticos. Mais alguma questão? “

**Investigadora: De que forma o espaço exterior contribui para as aprendizagens na Educação Pré-escolar?**

**Especialista:** “Existem dois caminhos para a aprendizagem: **aprender fazendo** e o **aprender com os outros**. **O brincar é a melhor ferramenta para aprender na infância**.

A escola não é só a sala de aula. Temos que por as crianças lá fora a aprender, **não se aprende só na sala de aula**, temos de desconstruir esta ideia de aprendizagem. A escola é múltiplos lugares, múltiplas metodologias, múltiplas formas participativas, democráticas, cooperativas, entre tantas outras. Na escola devemos aprender a viver e a aprender múltiplas competências que são fundamentais. Como dizia Montessori “Coloque no ambiente, as crianças apropriam-se do ambiente, e eu afasto-me, observo e só depois intervenho.”

Devemos melhorar os espaços exteriores da escola, **fazer uma requalificação e naturalizar a espaços exteriores**. O espaço exterior não é recreio, o **espaço exterior é outra sala de aula com enumeras potencialidades de aprendizagem**.”

**Investigadora: Quais são as aprendizagens mais significativas que as crianças adquirem no espaço exterior?**

**Especialista:** “No espaço exterior podemos fazer enumeras experiências junto da natureza, como: subir a uma árvore, contemplar as paisagens, perceber os sons, os silêncios, os cheiros e outras realidades sensoriais que são fundamentais para as aprendizagens. Devemos colocar as crianças junto de contextos naturais, com convivências de forma livre, autónoma, de corpo ativo, com contacto físico e social que é indispensável na educação.

Através destes mecânicos as crianças desenvolvem **capacidades de resolver problemas, sentido crítico, saber pensar, serem criativos, trabalhar em equipa, comunicar, comunicar**

**umas com as outras, partilhar e um saber centrado no saber pensar** que é essencial. O trabalho nos jardins de infância e nas escolas devem ser um trabalho horizontal e transversal, onde haja temas e **projetos onde todas as áreas convergem para permitir que a criança consiga ter uma assimilação do conhecimento vivido, participado, sentindo o que está a aprender.** É através desse trabalho que as crianças aprendem a **observar, a explorar, a questionar, a intervir e a pesquisar.** Dessa forma é uma aprendizagem inteligente com significado.”

**Investigadora:** “Professor tem mais alguma sugestão ou contributo para a minha investigação?”

**Especialista:** “Devemos pensar como deve ser a educação hoje, como devemos preparar as crianças para o futuro, os professores têm de ter mais formação para saírem da sua zona de conforto. Mas com esta investigação penso que vai num bom caminho. Mais uma vez, os meus parabéns pelo seu trabalho.”

**Investigadora:** “Obrigada”

## Anexos

### Anexo 1



#### ANEXO I

#### LICENÇA DE DISTRIBUIÇÃO NÃO EXCLUSIVA – REPOSITÓRIO COMUM

Ao depositar no Repositório Comum, os autores devem concordar com a seguinte licença de utilização:

##### LICENÇA DE DISTRIBUIÇÃO NÃO-EXCLUSIVA

Ao depositar um documento no Repositório Comum, o/a Sr./Sra. :

Ana Luisa Fagz Sousa Seguro

- a) Concede à FCCN o direito não-exclusivo de reproduzir, converter (como definido em baixo), disponibilizar, comunicar e/ou distribuir o documento entregue (incluindo o resumo/abstract) em formato digital, no quadro e para os fins e objetivos do projeto RCAAP.
- b) Declara que o documento entregue é seu trabalho original, e que detém o direito de conceder à FCCN os direitos referidos na alínea anterior ou que obteve do respetivo titular as necessárias permissões para essa concessão.
- c) Declara que a concessão à FCCN dos direitos referidos na alínea a), não infringe, tanto quanto lhe é possível saber, os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade e que o conteúdo do documento disponibilizado não viola direitos de terceiros.
- d) Declara acautelar que os documentos por si disponibilizados não contêm informações sigilosas ou confidenciais relativas à sua atividade educativa ou profissional, nomeadamente em termos de marcas, patentes ou segredos industriais ainda não registados ou atribuídos pelas entidades competentes.
- e) Declara que os documentos contêm todas as referências bibliográficas, editoriais, e a referência aos respetivos programas financiadores e apoios institucionais (se aplicável).

A FCCN identificará claramente o(s) autor(es) do documento entregue, e não fará qualquer alteração, para além das permitidas por esta licença.

O autor pode solicitar que o seu documento seja retirado do Repositório Comum.

Data: 23/10/2023

Assinatura: Ane S

## Anexo 2



### DECLARAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO DE DEPÓSITO NO REPOSITÓRIO COMUM Decreto-Lei n.º 115/2013, de 7 de agosto

Considerando que a legislação em vigor referente ao depósito legal de dissertações e teses - artigo 50.º, do Decreto-Lei n.º 115/2013, de 7 de agosto, obriga ao depósito de uma cópia digital das teses e outros trabalhos de doutoramento e das dissertações de mestrado num repositório integrante da rede RCAAP - Repositório Científico de Acesso Aberto de Portugal, o(a)

Ana Luísa Forjaz Sousa Seguro

Portador do Cartão de Cidadão n.º 13839543

Autor do Trabalho de Projeto / Relatório Final / Dissertação de Mestrado

Intitulado/a: Os Contributos do espaço exterior na aprendizagem  
Concluído/a em 23/10/2023 significativos de Educação Pré-escolar?

Declaro, sob compromisso de honra, que:

1. O Trabalho de Projeto / Relatório final / Dissertação entregue e que conduziu à atribuição do grau é um trabalho original e detenho todos os direitos de autor;
2. Concedo ao Instituto Piaget, entidade instituidora da Escola Superior de Educação Jean Piaget de Almada, uma licença não-exclusiva para a/o arquivar e tornar acessível em formato digital no Repositório Comum, ou em qualquer outro repositório que a Instituição venha a utilizar, com o seguinte estatuto:

Acesso aberto

Acesso restrito

Acesso fechado

Acesso Embargado<sup>1</sup>  até   /  /  

Email: anaseguro3@gmail.com Contacto tlf: 910949672

Data: 23/10/2023

Assinatura: Aen Seg

<sup>1</sup>Após a data indicada, o documento fica disponível em Acesso Aberto.